THOMAS TROWARD

A Essência da
Lei Universal da Atração

Lições Pela Ciência Mental

Do Original em Inglês
"The Dore Lectures (On Mental Science")
- Tradução de Wagner Woelke

A ESSÊNCIA DA

LEI UNIVERSAL DA ATRAÇÃO

LIÇÕES PELA CIÊNCIA MENTAL

A ESSÊNCIA DA

LEI UNIVERSAL DA ATRAÇÃO

LIÇÕES PELA CIÊNCIA MENTAL

THOMAS TROWARD

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Os apontamentos contidos nesse volume foram apresentados por mim na Dore Gallery, Bond Street, Londres, aos Domingos dos três primeiros meses do presente ano, e agora são publicadas para atender às vários pedidos de meus ouvintes, por isso o nome “As Lições de Dore”.

Um número grande de discursos separados sobre uma variedade de temas necessariamente apresenta suas dificuldades quando queremos colocá-los de forma contínua, também em virtude de freqüente repetição de idéias e expressões similares, e o leitor irá, creio, perdoar estes defeitos como inerentes às circunstancias do trabalho. Ao mesmo tempo será perceptível, mesmo que não haja especial intenção nesse sentido, que ocorre um certo desenvolvimento progressivo do raciocínio.

Doze palestras compõem este volume. A razão para isso é que todas elas almejam expressar a mesma idéia fundamental, que é: ainda que as leis do universo nunca possam ser quebradas, elas podem ser colocadas para trabalhar sob condições especiais que irão produzir resultados que não poderiam ser produzidos sob as condições espontaneamente providas pela natureza.

Esse é um princípio científico simples que nos mostra o lugar que pertence ao fator pessoal, ou seja, uma inteligência que enxerga além da limitada manifestação presente da Lei em sua real essência, que com isso constitui a instrumentalidade através da qual as infinitas possibilidades da Lei podem ser evocadas em formas de energia, utilidade e formosura.

Quanto mais perfeito, assim, for o trabalho do fator pessoal, maior será o resultado desenvolvido pela Lei Universal; e com isso nossa linha de estudos se desenvolverá em duas frentes – de um lado, o estudo teórico da ação da Lei Universal, e de outro o ajuste prático de nós mesmos para fazer uso disso; e se este livro atender qualquer leitor nessas duas questões, então ele terá atingido seu propósito.

Os diferentes assuntos tem sido tratados necessariamente muito rapidamente, e os apontamentos podem somente serem considerados como sugestões para linhas de pensamento com as quais o leitor estará

habilitado a trabalhar por si mesmo, e ele não deve portanto esperar aquela cuidadosa elaboração de detalhes que eu com muito gosto teria dado se eu tivesse escrito especificamente cada um dos assuntos.

Esse pequeno livro deve ser encarado somente como o que ele é, o registro de algumas conversas fragmentadas com uma platéia muito especial, a quem eu com muita satisfação o dedico.

5 de Junho de 1909.

T.T.

ENTRANDO NO ESPÍRITO

Todos nós conhecemos o significado dessa expressão em nossa vida diária.

Espírito é aquilo que dá vida e movimento para qualquer coisa; de fato, é ele que dá causa à sua existência.

O pensamento do autor, a tinta do pintor, o sentimento do músico, sem nada disso seus trabalhos jamais poderiam ter vindo à existência, e assim somente quando nós adentramos na IDÉIA que dá origem ao trabalho, é que nós podemos daí obter todo o benefício e o bem que ele pode nos dar.

Se não pudermos entrar no espírito da coisa, o livro, a pintura, a música, tudo isso é sem sentido para nós: para apreciá-los nós devemos compartilhar da atitude mental de seus criadores.

Esse é um princípio universal; se nós não entramos no Espírito de uma coisa, aquilo está morto até onde possamos concernir; mas se nós entramos nele, nós reproduzimos em nós mesmos a mesma qualidade de vida que chamou aquela coisa à existência.

Agora, se isso é um princípio geral, por que não poderíamos atribuí-lo a uma amplitude maior de coisas?

Por que não o mais alto ponto de tudo?

Não poderíamos entrar no próprio original Espírito da Vida, e assim reproduzi-lo em nós mesmos como uma fonte perene de sustentabilidade?

Essa, sem dúvida, é uma questão merecedora de nossa mais cuidadosa consideração.

O espírito de uma coisa é aquilo que é a fonte de seu movimento inerente, e assim a questão que se apresenta diante de nós é: qual é a natureza da energia primordial de movimento, a qual está por traz de toda a vida sem fim que vemos ao nosso redor, nossa própria vida incluída aí?

A ciência nos dá muito suporte ao dizer que não trata-se de coisas materiais, por que agora a ciência, pelo menos teoricamente, reduziu tudo a um éter primário, cujas inumeráveis partículas estão em absoluto equilíbrio; de onde segue um conceito matemático único que diz que o movimento inicial que começou a concentrar o mundo e toda substancia material do disperso éter, não poderia ter originado as partículas por si mesmo.

Através de um necessário processo de conclusão, somos compelidos a imaginar a presença de algum poder imaterial capaz de segregar certas áreas específicas do ambiente da atividade cósmica, e então construir um universo físico com todos os seus habitantes, em uma ordenada seqüencia de evolução, em que cada estágio guarda o fundamento para o desenvolvimento do estágio que virá a seguir – em uma palavra, encontramo-nos face a face com o poder que exibe, em uma estupenda escala, as faculdades de seleção e adaptação dos meios aos fins, e com isso distribui energia e poder de acordo com um reconhecível esquema de progressão cósmica.

Ele não é, dessa maneira, somente Vida, mas também Inteligência, e Vida guiada por Inteligência torna-se dotada de vontade.

É esse poder originário primário de que nós falamos quando nos referimos ao “Espírito”, e é nesse espírito universal que nós devemos entrar se quisermos reproduzir a fonte da Vida Original em nós mesmos.

Agora, no caso da produção de um gênio artístico, nós sabemos que devemos adentrar no movimento da mente criativa do artista, antes que estejamos em condições de compreender o princípio que promove a elaboração de seu trabalho.

Nós devemos aprender a compartilhar do sentimento, para encontrar expressão para qual é o motivo de sua atividade criativa.

Não poderíamos aplicar o mesmo princípio para a Grande Mente Criativa com a qual estamos procurando lidar?

Há alguma coisa no trabalho do artista que é similar àquele da criação original. Seu trabalho, literário, musical, ou gráfico é criação original numa escala em miniatura, e nisso difere do trabalho do engenheiro, que é construtivo, ou do trabalho do cientista, que é analítico;

por que o artista em certo sentido cria alguma coisa do nada, para isso começando de um local de simples sentimento, e não de uma pré-existente necessidade.

Isso, como hipótese, é verdadeiro também no caso da Mente Geradora, por que no estágio onde o movimento inicial começa, não há qualquer condição já existente que compila a ação em uma direção mais do que em outra.

Conseqüentemente a direção tomada pelo impulso criativo não é ditada por circunstâncias externas, e o movimento primário deve assim ser inteiramente devido à ação da Mente Original sobre si; é o desejo dessa Mente pelo realizar por si mesma tudo o que ela sente de fazer.

O processo criativo, assim, na primeira instância é puramente uma questão de sentimento – exatamente aquilo que falamos como um "motivo" em uma obra de arte.

Então, agora é no sentimento original que nós temos que entrar, por que ele é a fonte e a origem de toda a cadeia de causas que subseqüentemente se segue.

O que então pode ser esse sentimento original do Espírito?

Uma vez que o Espírito é Vida-em-si-mesmo, esse sentimento somente pode ser a mais completa expressão da Vida - qualquer outra sorte de sentimento seria auto-destrutiva, sendo assim inconcebível.

Então, a completa expressão de Vida implica em Felicidade, e Felicidade implica em Harmonia, e Harmonia implica em Ordem, e Ordem implica em Proporção, e Proporção implica em Formosura; assim, ao reconhecer a inerente tendência do Espírito na produção da Vida, podemos reconhecer uma similar inerente tendência à produção daquelas outras qualidades também; e uma vez que o desejo de conferir a maior expressão de uma vida repleta de felicidade somente pode ser descrita como Amor, podemos deduzir que a expressão mais completa do sentimento que veio a ser o impulso original de movimento no Espírito é Amor e Formosura – o Espírito encontrando expressão através de formas de beleza em manifestações de vida, em harmoniosa e recíproca relação a si mesmo.

Essa é uma declaração genérica de um princípio mais abrangente, através do qual o Espírito se expandiria de seu mais profundo interior para o exterior, de acordo com uma Lei inerente a si mesmo.

Ele vê a si mesmo refletido em vários centros de vida e energia, cada qual com sua forma apropriada; mas na primeira instância essas inflexões não podem ter existência exceto dentro da Mente que as originou.

Elas têm sua primeira manifestação mais inicial como imagens mentais, e então, em adição aos poderes de Inteligência e Seleção, devemos também considerar a Imaginação como pertencente à Mente Divina; e devemos aceitar essas energias como atuando diretamente da causa inicial de Amor e Formosura.

Eis o Espírito no qual nós temos que entrar, e o método de fazer isso é da mais perfeita lógica.

É o mesmo método através do qual todo avanço científico é feito. Ele consiste em primeiro observar o modo como certas leis trabalham em condições espontâneas providas pela natureza, trabalhando para cuidadosamente descobrir qual princípio essa ação espontânea indica, e por fim deduzindo dessa observação como o mesmo princípio agiria sob certas condições especialmente selecionadas, não providas espontaneamente pela natureza.

O avanço na construção de navios nos fornece um bom exemplo do que eu quero dizer. Primeiramente, madeira foi empregada, ao invés de aço, por que madeira flutua na água e aço afunda; mas agora os navios do mundo todo são construídos de aço; raciocínio acurado mostrou a lei da flutuação, ou seja, qualquer coisa pode flutuar, desde que a massa de seu corpo seja mais leve que a massa do líquido deslocado por ela; e hoje fabricamos navios de aço, exatamente pelo uso da mesma lei por cujos princípios ele deveria afundar, ou seja, pela introdução de um fator PESSOAL, nós introduzimos condições para que aquilo – o afundamento – não ocorresse espontaneamente – de acordo com a máxima esotérica que diz “A Natureza, não ajudada, míngua.”

Agora temos que aplicar o mesmo processo de especializar uma Lei genérica para a primeira de todas as Leis, aquela da tendência genérica de gerar a vida de si mesmo que o Espírito possui.

Sem o elemento da PERSONALIDADE INDIVIDUAL o Espírito somente pode agir cosmicamente através dos desígnios de uma Lei GENÉRICA; mas essa lei admite uma grande especialização, e essa especialização somente pode ser alcançada através da introdução do fator pessoal.

Mas para introduzir esse fator o indivíduo deve estar completamente ciente do PRINCÍPIO que comanda a ação espontânea ou cósmica da lei.

Onde, então o Espírito irá encontrar esse princípio de Vida?

Certamente não através de contemplar a Morte.

Para colocar o princípio para trabalhar da forma que nós requeremos que ele trabalhe, devemos observar sua ação quando ele está trabalhando espontaneamente em sua particular natureza.

Devemos perguntar por que ele vai na direção certa, como tem feito – e havendo aprendido isso, poderemos então ter a habilidade de fazer ele ir mais longe ainda.

A lei da flutuação não foi descoberta através da contemplação de coisas afundando, mas contemplando a flutuação de coisas que o faziam naturalmente, e então inteligentemente perguntando por que acontecia assim.

O conhecimento de um princípio é obtido através do estudo de sua ação objetiva; quando então nós compreendemos QUE nós estamos em uma posição de corrigir as condições negativas que tendem a frustrar aquela ação.

Então Morte é a ausência de Vida, e doença é ausência de saúde; assim, para entrar dentro do Espírito da Vida, nos é requerido que o contemplemos, aonde ele deve ser encontrado, e não aonde ele não está – encontramo-nos em meio àquela velha questão, “Por que ainda procurar vivos entre os mortos?”

Eis porque nós iniciamos nossos estudos primeiramente considerando a criação cósmica, por que é lá que encontraremos o Espírito da Vida trabalhando através de todos os infindáveis tempos, não meramente como uma energia que cessa a morte, mas com um avanço perpétuo para mais altos graus de Vida.

Se somente pudéssemos entrar dentro do Espírito para conseguir que ele faça EM NÓS aquilo que evidentemente está NÊLE, o magnífico seria atingido.

Isso significa construir nossa vida como que desenhada diretamente do Espírito Criador; e se nós entendemos que o Pensamento ou Imaginação do Espírito é a Grande realidade de Ser, e que todos os fatos materiais são somente seus correspondentes, então logicamente se segue que o que temos que fazer é preservar nosso lugar individual dentro do Pensamento da Mente Geradora.

Temos visto que a ação da Mente Original precisa ser GENÉRICA, pois isso lhe preserva uma condição de estar de acordo com os tipos que estão inclusos numa multidão de indivíduos.

Cada tipo é o reflexo de Mente Criativa ao nível daquele GÊNIO particular; e ao nível humano é o Homem, não com o associado a circunstâncias particulares, mas como existindo num ideal absoluto.

Em relação ao fato de termos aprendido a dissociar nossa concepção de nós mesmos de circunstancias particulares, e para permanecer em nossa natureza ABSOLUTA, como reflexos do ideal Divino, nós, por nossa vez, refletimos de volta na Imaginação Divina seu conceito original de si mesma como expresso no típico ou genérico Homem, e assim através da natural lei de causa e efeito, o indivíduo que empreende essa atitude mental entre permanentemente no Espírito da Vida, e o Espírito torna-se uma fonte perene de Vida brotando espontaneamente de dentro dele.

Ele então encontra a si mesmo naquela condição que a Bíblia diz, “a imagem e semelhança de Deus.” Ele encontrou o nível no qual ele dá suporte um novo ponto de início de processo criativo, e o Espírito, encontrando um centro pessoal nele, inicia seu trabalho novamente,

tendo com isso resolvido o grande problema de como habilitar o Universo a agir diretamente sobre o plano do Particular.

É dessa forma, por manter o necessário espaço interno para um novo departamento do Espírito criativo, que o homem assume a condição de “microcosmo”, ou universo em miniatura; e isso também é o que é tratado na doutrina esotérica da Oitava, da qual eu devo estar preparado para falar mais detalhadamente em alguma outra ocasião.

Se os princípios aqui listados forem cuidadosamente considerados, eles serão suficientes para acender uma luz sobre muitos outros que possam estar obscuros, e eles irão também proporcionar a chave para os procedimentos seguintes.

O leitor é agora convidado a pensar sobre eles carinhosamente por si mesmo, e notar sua conexão com o objeto do próximo capítulo.

INDIVIDUALIDADE

Individualidade é o necessário complemento do Espírito Universal, que foi objeto de consideração no última reunião.

Todo o problema da vida consiste em encontrar a relação do indivíduo com o Espírito Original Universal; e o primeiro passo na direção de determinar isso é compreender o que o Espírito Universal deve ser em si mesmo.

Nós já fizemos isso em alguma extensão, e as conclusões a que chegamos são:

- Que a essência do Espírito é Vida, Amor e Beleza (Formosura).

- Que sua motivação, ou impulso de movimento primário, é expressar Vida, Amor e Beleza os quais ele sente que deve ser.

- Que o Universo não pode agir no plano do Particular, exceto se se transformar no particular, que seria obtido pela expressão do indivíduo.

Se esses três axiomas forem claramente apreendidos, nós teremos encontrado uma sólida fundação da qual poderemos começar nossas considerações do assunto de hoje.

A primeira questão que naturalmente surge é: Se as coisas são assim, por que nem todos os indivíduos expressam a vida, o amor, a formosura do Espírito Universal?

A resposta a esta questão deve ser encontrada na Lei da Consciência.

Nós não podemos estar certos de nada exceto se conseguirmos compreender uma determinada relação entre o Espírito e nós mesmos.

Isso tem que nos afetar de alguma forma, de outra maneira nós não estaremos conscientes de sua existência; e de acordo com a forma na qual o Espírito nos afeta, nos podemos nos reconhecer numa situação de relação real com ele.

É esse auto-reconhecimento de nossa própria parte, levado ao total das impressões de todas as nossas relações, sejam espirituais, intelectuais, ou físicas, que constituem nossa realização de vida.

Dentro desse princípio, para a nossa obra de REALIZAÇÃO de nossa própria Vida, a produção de centros de vida, através de sua relação com o que essa realização consciente pode ser obtida, torna-se uma necessidade para a Mente Primordial.

Então segue-se que essa realização somente pode ser completa naquilo onde o indivíduo tem perfeita liberdade de lidar e manter consigo o processo de criação; por que de outra forma, nenhuma outra verdadeira realização poderia ter ocorrido.

Por exemplo, deixe-nos considerar o trabalho do Amor.

Amor deve ser espontâneo, ou ele não existe. Não podemos imaginar alguma coisa que mecanicamente induza ao amor.

Mas algo que é formado assim tão automaticamente produz um efeito sem uma vontade que tenha surgido de si mesmo, nada é senão uma peça de um mecanismo.

Conseqüentemente se a Mente Primordial existe para promover a realidade do Amor, isso só será possível pelo relacionamento com algum ser que tenha o poder de manter amor.

O mesmo se aplica à realização de todos os outros modos de vida; ainda que somente em proporção, já que uma vida individual é um centro independente de ação, com a opção de agir seja positiva como negativamente, que qualquer vida real pode ser produzida.

Quanto mais longe a coisa criada esteja de um meramente mecânico arranjo, mais alto é o grau de criação.

O sistema solar é um trabalho perfeito de criação mecânica, mas por constituir centros que são recíprocos à mais alta natureza da Mente Divina, requer não um mecanismo, mesmo que perfeito, mas um centro mental que seja, em si mesmo, uma fonte independente de ação.

Daí que pelas necessidades de um caso específico um homem pode ser capaz de colocar a si mesmo numa posição positiva ou negativa

com a Mente Geradora, da qual ele se origina; de outra maneira, ele não seria mais que um mecanismo de relógio.

Assim, encontramos a razão do por que a vida, amor e beleza do Espírito não são visivelmente reproduzidos em todo ser humano.

Eles SÃO reproduzidos no mundo da natureza, e mesmo que possa ser representado como uma ação mecânica e automática, sua mais perfeita reprodução somente pode ocorrer baseado em uma liberdade similar àquela do próprio Espírito Primordial, o que implica assim em liberdade de negação bem como de afirmação.

Por que, então, o indivíduo faz uma escolha negativa?

Porque ele não compreende a lei de sua própria individualidade, e acredita que viva sob uma lei de limitação, ao invés de sob uma Lei da Liberdade.

Ele não espera encontrar o ponto de largada do processo criativo reproduzido dentro de si mesmo, e assim ele olha para o lado mecânico das coisas para sustentar a sua concepção sobre a vida.

Conseqüentemente sua maneira de ver as coisas leva-o à conclusão que a vida é limitada, porque ele assumiu limitação como uma de suas premissas, e assim, logicamente, não pode escapar disso em suas conclusões.

Assim ele pensa que é a lei, e quão ridícula é a idéia de transcendê-la. Ele aponta para a seqüência de causa e efeito, pela qual morte, doença e desastre possuem sua influência sobre o indivíduo, e diz que essa influência é lei.

E ele está perfeitamente correto em pensar assim – isso é uma lei; mas não A Lei.

Quando nós temos chegado apenas nesse estágio de compreensão, nós temos ainda que aprender que uma lei maior pode incluir uma menor tão completamente quanto pode engoli-la.

A falácia envolvida nesse negativo argumento, é a assunção de que a lei da limitação é essencial em todos os graus do ser. Essa é a falácia

que dominava todos os velhos construtores de navio, a da impossibilidade de construir navios de aço.

O que é requerido é obter o PRINCÍPIO que está atrás da Lei em sua ação afirmativa, e destrinchá-la sob situações que são mais traumáticas do que o são espontaneamente apresentadas por natureza, e isso somente pode ser feito pela introdução do elemento pessoal, que é uma inteligência individual capaz de compreender o princípio (N.do T.: A "Especialização", a que vamos nos referir freqüentemente ao longo do texto daqui para a frente.)

A questão, então, é qual é o princípio através do qual nós viemos à vida?

E isso é apenas uma forma pessoal de colocar a questão geral – Como qualquer coisa vem a existir?

Agora, como eu apontei no artigo precedente, a dedução definitiva da ciência física é que o movimento que origina tudo tem lugar na Mente Universal, e é análogo àquele de nossa própria imaginação; e como nos acabamos de ver, o perfeito ideal só pode ser compreendido como um ser capaz de refletir reciprocamente TODAS as qualidades da Mente Primordial.

Conseqüentemente o homem, em sua mais profunda natureza, é o produto da Mente Divina projetando uma imagem de si mesmo no plano do relativo como algo complementar à sua própria esfera de ser absoluto.

Se nós então nos dirigirmos ao mais profundo princípio em nós mesmos, o qual tanto filosofia quanto as escrituras declara termos sido feitos à imagem e semelhança de Deus, devemos concluir em definitivo que temos um princípio em nós que permanece sempre, mesmo em frente todos os nossos anseios e também frente ao ambiente.

Ele é acima de todos eles, e os cria, quão inconscientes estejamos do fato, e em relação a tudo o princípio ocupa o lugar de causa primeira.

O reconhecimento disso é a descoberta de nossa própria relação com todo o mundo do relativo.

Por outro lado, isso não deve nos levar ao erro de supor que não há nada mais alto, porque, como nós já vimos, o mais profundo princípio ou

ego é ele mesmo o efeito de uma causa antecedente, porque ele procede do processo de criação de imagens na Mente Divina.

Nós com isso encontramo-nos mantendo uma posição intermediária entre a verdadeira Causa Primeira, de um lado, e o mundo das causas secundárias do outro, e para entender a natureza dessa posição, devemos voltar ao axioma de que o Universal somente pode agir no plano do Particular através do indivíduo.

Então vemos que a função do indivíduo é DIFERENCIAR o ainda não distribuído fluxo do Universal em direções apropriadas em diferentes cadeias de causas secundárias.

O lugar do homem na ordem cósmica é a de um distribuidor do poder Divino, sujeito, claro, à inerente Lei do poder o qual ele distribui.

Nós vemos uma instância disso na ciência, no fato de que nunca criamos força; tudo o que podemos fazer é distribuí-la. A palavra MAN (Homem, em inglês), significa distribuidor ou mediador, o que implica a idéia de medição, e é por essa razão que o homem é chamado nas escrituras de um “servidor”, ou dispensador das dádivas de Deus.

Conforme nossas mentes tornam-se abertas para o sentido mais completo dessa posição, as imensas possibilidades e também a responsabilidade contida em tudo isso tornam-se aparentes.

Isso significa que o indivíduo é o centro criativo de seu próprio mundo.

Nossa experiência passada não garante qualquer evidência contra isso, mas ao contrário, é uma forte evidência disso.

Nossa verdadeira natureza está sempre presente, somente é que temos mantido o baixo e mecânico lado das coisas como sendo nosso ponto de partida para a criação, assim criando limitação ao invés de expansão.

E mesmo com o conhecimento da Lei Criativa que nós agora obtivemos continuaremos a fazer isso, se nós procurarmos nosso talento para criar coisas nas coisas que estão abaixo de nós e não na única coisa que está sobre nós, chamada Mente Divina, porque é somente á que podemos encontrar ilimitado Poder Criativo.

Vida é SER, é a experiência de estados de consciência, e há uma infalível correspondência entre esses estados internos e as condições exteriores.

Agora nós vemos do ponto de vista de Criação Original, que o estado de consciência deve ser a causa, e as condições correspondentes o efeito, porque no início da criação nenhuma condição existia, e a ação de Mente Criativa sobre si mesma somente tem sido um estado de consciência.

Isso, então é claramente a ordem criativa – de estados para condições.

Mas nós temos invertido essa ordem, e procuramos criar das condições para o estado.

Nós dizemos: se eu tiver tais e tais condições, elas produzirão o estado de sentimento que eu desejo; e, dizendo assim, seguimos com o risco de cometer um erro se procurarmos produzir coisas com esse pensamento, porque isso nos manterá na esperança de que algumas condições específicas nas quais nos fixamos não são daquelas que deveriam produzir o estado desejado.

Ou, novamente, ainda que elas possam produzir coisas dentro de um certo grau, outras condições poderiam produzi-las em um grau maior ainda, enquanto ao mesmo tempo estariam abrindo o caminho para atingir ainda mais altos graus de estados e também melhores condições.

Assim, nosso mais sábio plano seria seguir o padrão da Mente Geradora e fazer um auto reconhecimento mental de nosso ponto de partida para criar, sabendo que através da inerente Lei do Espírito as condições correlatas virão, por um natural processo de crescimento.

Então o grande auto-reconhecimento é aquele referente à nossa relação com a Mente Suprema. Ela é o centro gerador, e nós somos os centros distribuidores; assim como eletricidade é gerada em uma estação central e entregue em diferentes formas de energia simplesmente passando por apropriados centros de distribuição, e assim em algum lugar ilumina uma sala, ou em outra forma conduz uma mensagem, ou faz mover um trem elétrico.

Da mesma maneira a energia da Mente Universal toma formas particulares através da mente particular dos indivíduos.

Ela não interfere com os princípios de sua individualidade, mas trabalha com eles, com isso colaborando com ele, para que se torne mais, não menos ele mesmo.

Assim, ela é, não uma energia que constrange, mas uma energia que confere expansão e iluminação; de forma que, quanto mais o indivíduo reconhece a ação recíproca entre ela e a si mesmo, mais cheio de vida ele deverá se tornar.

Assim também não precisamos ficar preocupados sobre condições futuras porque sabemos que o Todo-primordial Poder está trabalhando através de nós e para nós, e de acordo com a Lei provada pela criação que existe, ele produz todas as condições requeridas para a expressão da Vida, Amor e Formosura que ele é, de forma que podemos confiar totalmente nela ara abrir o caminho conforme vamos avançando.

As palavras do Grande Mestre, “Não andeis ansiosos com o amanhã” – e note que a correta tradução é “Não tenha qualquer pensamento ansioso” – são a aplicação prática da mais profunda filosofia.

Isso não significa, naturalmente, que não devemos nos esforçar para nada.

Devemos fazer nossa parte do trabalho, e não esperar que Deus faça POR nós aquilo que ele somente pode fazer ATRAVÉS de nós.

Devemos usar nosso bom senso e faculdades naturais em trabalhar sob as condições agora presentes.

Devemos fazer uso delas, ATÉ ONDE ELAS FOREM, mas não devemos tentar ir mais além do que as coisas presentes apontam ou requerem; não devemos forçar as coisas, mas permitir a elas que cresçam naturalmente, sabendo que elas estão evoluindo sob a condução da Toda-criativa Sabedoria.

Seguindo esse método, deveremos crescer mais e mais dentro do hábito de procurar sempre uma atitude mental que seja chave para nosso progresso na Vida, sabendo que tudo o mais deve vir dela; e deveremos

mais tarde descobrir que nossa atitude mental é eventualmente determinada pela forma que consideramos a Mente Divina.

Então, o resultado final será aquele em que veremos a Mente Divina como nada mais que Vida, Amor e Formosura – Formosura sendo idêntico a sabedoria ou o perfeito ajustamento de partes ao todo – e devemos ver a nós mesmos como sendo centros distribuidores dessas energias primárias, por nossa vez centros subordinados de poder criativo.

E conforme nós avancemos nesse conhecimento, deveremos achar que transcendemos uma lei de limitação após outra, através de nos envolvermos com a lei mais alta, da qual a menor não é senão uma expressão parcial, até que venhamos a ver claramente em fronte nós, como nosso alvo último, nada menos que a Perfeita Lei da Liberdade – não liberdade sem Lei, o que é anarquia, mas Liberdade de acordo com a Lei.

Dessa forma deveremos compreender que o Apóstolo falou a verdade literal, quando ele disse que devemos nos tornar como Ele quando O virmos COMO ELE É, porque todo o processo através do qual nossa individualidade é produzida é um reflexo da imagem existente na Mente Divina.

Quando aprendermos a Lei de nosso próprio ser deveremos estar hábeis para aplicá-la de forma especial em caminhos os quais já temos uma idéia do que seja, mas muito pequena, mas no caso de todas as leis naturais, a especificidade não poderá tomar lugar até que o princípio fundamental da lei genérica tenha sido totalmente compreendido.

Por essas razões o estudante deve empenhar-se por compreender mais e mais perfeitamente, tanto em teoria com na prática, a lei da relação entre a Mentes Universal e Individual.

O que se busca é compreender que ambas empreendem ação RECÍPROCA.

Se essa questão de reciprocidade é compreendida, estará explicado para a pessoa porque o indivíduo falha em expressar a plenitude da Vida, a qual o Espírito é, e porque ele poderia atingir a plenitude daquela expressão; assim como a mesma lei explica porque aço afunda na água, e como podemos fazer para que ele flutue.

É a individuação do Espírito Universal, reconhecendo sua reciprocidade a nós mesmos, que é o segredo da perpetuação e crescimento de nossa própria individualidade.

O NOVO PENSAMENTO E A NOVA ORDEM

Durante as duas palestras anteriores eu me esforcei para encontrar algum conceito sobre o que o Espírito Primordial é em si mesmo, e sobre a relação do indivíduo com ele.

Até onde conseguimos formar alguma idéia a respeito destas coisas, nós vemos que tudo que lhe diz respeito trata-se de princípios universais aplicáveis para toda a natureza e, ao nível do humano, aplicável para todos os homens: eles são um avanço geral para nossa concepção geral, porque progresso é alcançado de fato, não através de colocando de lado a inerente lei das coisas, o que é impossível, mas buscando observá-la quando apresentada a condições as quais irão possibilitar os mesmo princípios a agir em uma menos limitada maneira.

Havendo portanto entrado na idéia geral das palestras anteriores, a respeito do universo e do indivíduo, e de sua relação um com o outro, deixe-nos agora considerar o processo de individuação.

No que consiste a individuação de uma lei natural?

Ela consiste em fazer aquela lei ou princípio produzir um efeito o qual não o faria espontaneamente sob condições genéricas produzidas pela natureza.

Esta seleção de condições específicas é um trabalho de Inteligência, é um processo de conscientemente arranjar coisas em uma ordem nova e diferente, com o objetivo de produzir um novo resultado.

O princípio nunca é novo, em virtude de serem os princípios eternos e universais; mas o conhecimento de que o mesmo princípio irá produzir novos e diferentes resultados quando trabalhando sob novas condições é a chave para a abertura de infinitas possibilidades.

O que temos então que considerar é a capacidade de a Inteligência prover condições específicas para a operação dos princípios universais de forma a trazer novos resultados que irão transcender nossa experiência passada.

O processo não consiste na introdução de novos elementos, mas sim em fazerem-se novas combinações de elementos que sempre estiveram presentes; da mesma forma que nossos ancestrais não tinham qualquer concepção de carruagens que pudessem andar sem que tivesse cavalos atrelados a si, contudo, através de uma adequada combinação de elementos que sempre existiram, este tipo de veículo são hoje objetos comuns em nossas ruas.

Como, então, o poder da Inteligência é trazido para agir sobre a lei genérica da relação entre o Indivíduo e o Universo, de modo a colocá-lo especificamente para agir na produção de resultados tão grandes quanto aqueles que já temos obtido?

Todas as realizações da ciência, que coloca o mundo civilizado dos dias atuais em condições mais avançadas em relação aos dias do Rei Alfredo ou Carlos Magno, têm sido obtidos através de um método uniforme, o qual é muito simples.

Consiste em sempre inquirir qual é o fator positivo em qualquer combinação existente, e perguntando-nos por que, naquela particular combinação, aquilo não age além de certos limites.

O que faz a coisa um sucesso até onde ela acontece, e o que a impede de ir além?

Então, através de cuidadosamente considerar a natureza do fator positivo, nós identificamos que sorte de condições devemos fornecer para permitir que a coisa expresse-se numa forma melhor, mais completa, mais interessante.

Este é o método científico; ele tem se provado adequado em respeito a coisas materiais, e não há qualquer razão pela qual ele não poderia ser igualmente confiável em respeito a coisas espirituais também.

Colocando esse como nosso método, nós fazemos a pergunta:

Qual é o fator positivo em toda a criação, ao mesmo tempo que em nós como incluídos que estamos nela e, como concluímos na primeira palestra (Veja minha “Palestra sobre Ciência Mental em Edimburgo”), este fator é Espírito – aquele poder invisível que concentra o éter primordial em formas, e dota aquelas formas de vários modos de

movimentos, desde o simples movimento mecânico da planeta, até a movimentação volitiva nas mãos do homem.

E, uma vez que as coisas são assim, o fator positivo primário só pode ser o Sentimento e o Pensamento do Espírito Universal.

Sabemos, por esta hipótese que assumimos, que o Espírito Universal deve ser a Pura Essência da Vida, e portanto seu sentimento e pensamento somente pode ir na direção de continuamente incrementar a expressão de sustentação da vida que ele é em última instância; e em concordância com a especificação em um propósito especial, a qual nos estamos buscando, esteja ao longo da linha que permita a sustentação de um centro do qual possamos compreender mais perfeitamente esta idéia e este sentimento: em outras palavras, o caminho para tornar específico o princípio genérico do Espírito é providenciar novas condições mentais em consonância com sua própria natureza original.

Este método científico de inquirir então nos leva à conclusão de que as requeridas condições para traduzir a operação genérica do Espírito em uma específica operação individual é a criação de um modo de PENSAMENTO que concorra com o pensamento original universal, não em oposição a ele, ao movimento essencial de avanço natural do Espírito Criativo.

Isso implica em uma completa reversão de nossos velhos conceitos.

De fato, temos tomado formas e condições, transformando-as em pontos de partida para nossos pensamentos e inferido que elas são as causas de estados mentais; agora temos aprendido que a ordem verdadeira do processo criativo é exatamente o oposto, e que pensamento e sentimento são as causas, e causas e condições os efeitos.

Quando tivermos aprendido esta lição teremos agarrado o princípio fundamental através do qual a especificação individual da lei genérica do processo criativo torna-se uma possibilidade prática.

Novo Pensamento, então, não é apenas o nome de uma nova seita em particular, mas o fator essencial através do qual nosso próprio desenvolvimento futuro será arrastado; e sua essência consiste em identificar a relação das coisas em uma Nova Ordem.

Até agora temos invertido a verdadeira ordem de causa e efeito; de agora em diante, através da compreensão da real natureza do Princípio de Causação em si mesmo – causa “causans” distinto de causa “causata”- nós retornamos à verdadeira ordem e adotamos um novo método de pensamento de acordo com ela.

Em si esta ordem e seu método de pensamento não é novo. Eles são tão antigos quanto a fundação do mundo, pois eles são aqueles do próprio Espírito Criativo; e todos através das eras têm lidado com este ensinamento de várias formas, e o sentido verdadeiro tem sido percebido por poucos em cada geração.

Mas quando a luz paira sobre uma pessoa e é uma nova luz para ele, então para os que seguem-no no pensamento torna-se o Novo Pensamento.

E quando alguém o alcança, ele compreende a si em uma Nova Ordem.

Ele continua realmente a ser incluído na ordem universal do cosmos, mas agora em um perfeitamente diferente caminho em relação àquele em que se supunha anteriormente; por que, desse novo ponto de vista, ele descobre que ele está incluído, não tanto como uma parte do efeito geral, mas como uma parte da causa geral; e quando ele percebe isso ele então vê que o método de seu progresso deve ser o de deixar a Causa Geral fluir mais e mais livremente em seu próprio centro específico, e a partir daí ele procura providenciar condições mentais que o habilitarão a assim fazer.

Então, ainda empregando o método científico de perseguição do fator positivo, ele compreende que este poder causativo universal, não importa o nome que se dê a ele, manifesta-se como uma Inteligência Suprema na adaptação de meios para fins.

Isso ocorre assim no mecanismo do planeta, na produção de suprimentos para o suporte da vida física, e na manutenção da raça como um todo.

Na verdade, o investigador depara-se a todo momento com falhas individuais, mas sua resposta para isso é que não há qualquer falha cósmica, e que a aparente falha individual é ela mesma parte do processo

cósmico, e diminuirá de proporção na proporção em que o indivíduo alcance o reconhecimento do Princípio de Movimento daquele processo, e o providencie as condições necessárias que possibilite a criação de um novo ponto de partida em sua própria individualidade.

Agora, uma destas condições é reconhecer aquele Princípio como uma Inteligência, e lembrar-se de que, mesmo quando trabalhando através de seu próprio entendimento isso de maneira nenhuma muda a natureza essencial, da mesma forma que a eletricidade não perde qualquer de suas qualidades essenciais ao passar através dos aparatos criados especialmente para permitir que ela se manifeste como luz.

Quando nós vemos isso, nossa linha de pensamento seguirá por algo parecido por: “Minha mente é um centro de operação Divina. A operação Divina é sempre no sentido de expansão e plena expressão, e isso significa a produção de alguma coisa além do que havia antes, algo inteiramente novo, não incluído na experiência passada, ainda que surgindo de uma ordenada seqüencia de crescimento. Desta forma, uma vez que o Divino não pode mudar sua natureza inerente, isso irá operar da mesma maneira em mim; conseqüentemente em meu próprio especial mundo, do qual eu sou o centro, ele vai mover-se para a frente para produzir novas condições, sempre para algo que signifique avanço quando comparado com aquelas que ocorreram antes.”

Esta é uma linha legitima de argumentos, relativas às premissas estabelecidas em reconhecimento da relação entre o indivíduo e a Mente Universal; e isso resulta em nossa visão da Mente Divina, não somente como criativa, mas também diretiva - que está tanto determinando as formas reais pelas quais as manifestações ocorrerão em nosso particular mundo, como também suprindo a energia para a sua produção.

Perdemos o ponto de ligação entre o indivíduo e o universo, se nós não vemos que o Espírito Primordial é um poder FORMADOR.

Ele é o poder formador que atua na natureza, e se nós devemos torná-lo específico para algo que nos interesse, devemos aprender a crer em sua qualidade formativa quando ele operar a partir deste novo ponto de partida em nós mesmos.

Mas a questão que naturalmente surge: Se isto é assim, que parte é operada pelo indivíduo?

Nossa parte é prover um concreto centro em torno do qual a energia Divina possa atuar.

De um modo natural, nós exercemos sobre a energia Divina uma força de atração de acordo com um padrão inato de nossa individualidade particular; e assim que começamos a compreender a Lei desta relação, nós, por nosso lado, somos atraídos para o Divino ao longo de linhas de menor resistência que antes, sendo que nessas linhas estão nossas mais naturais embora especiais tendências de nossas mentes.

Dessa forma nós lançamos fora certas aspirações, cujo resultado acaba sendo uma intensificação de nossa atração das forças Divinas em uma certa maneira específica, e elas então começam a agir tanto através de nós como em torno de nós, de acordo com nossas aspiração.

Esse é o racional da ação recíproca entre a Mente Universal e a mente individual, e isso nos mostra que nossos desejos não devem ser dirigidos tanto para a aquisição de COISAS em particular, como para a reprodução em nós mesmos de fases particulares da atividade do Espírito; e essa, por sua própria natureza criativa, é obrigada a externar as correspondentes coisas e circunstâncias.

Então, quando estes fatos externos aparecem no círculo de nossa vida objetiva, nós devemos então trabalhar sobre eles de um ponto de vista também objetivo.

Eis aonde muitos caem antes de ter o trabalho completado. Eles compreendem o processo subjetivo ou criativo, mas não vêm que ele deve ser seguido por um processo objetivo e construtivo, e conseqüentemente eles são sonhadores não práticos, e nunca encontram o estágio de trabalho concluído.

O processo criativo traz os materiais e as condições para o trabalho para nossas mãos; então nós devemos fazer uso deles com diligencia e senso comum -- Deus vai prover a comida, mas ele não vai preparar a janta.

Esta, então, é a parte entregue ao individuo, e é através dela que ele se torna um centro distribuidor da energia Divina, não através de tentar lidar com ela como uma força cega e casual, nem por outro lado estando ele mesmo sob um cego impulso irracional.

Ele recebe orientação porque ele procurou por orientação; e ele tanto procura e recebe de acordo com a Lei a qual ele é hábil para reconhecer; assim ele não sacrifica mais sua liberdade ou diminui seus poderes do que faz um engenheiro que se submete às leis genéricas da eletricidade, com a finalidade de aplicá-las para algum propósito específico.

Quanto mais íntimo seu conhecimento acerca desta Lei da Reciprocidade se torna, mais ele percebe que ela guia-o para a Liberdade, em meio ao mesmo princípio através do qual compreendemos na ciência de materiais que a natureza nos obedece precisamente no mesmo grau em que primeiro obedecemos à natureza.

Como a máxima esotérica que diz “O que é verdade em um determinado plano é uma verdade em todos.”

Mas a chave para o encadeamento do corpo, mente e circunstâncias está naquele novo pensamento que revelou-se criativo de novas condições, porque ele concebeu a verdadeira ordem do processo criativo.

Assim, se desejamos trazer uma nova ordem de Vida, Luz e Liberdade para nossas vidas, devemos começar por trazer uma nova ordem ao nosso pensamento, e encontrar em nós mesmos o ponto de partida de uma série criativa, não pela força do desejo pessoal, mas pela união com e Espírito Divino, que, em expressão de seus inerentes Amor e Formosura, faz todas as coisas novas.

A VIDA DO ESPÍRITO

Os três estudos precedentes tocaram em certas verdades fundamentais em uma ordem definida – primeiro a natureza do Espírito Primordial em si mesmo, depois a relação genérica do indivíduo com esse Todo-envolvente Espírito, e por último o caminho para deixar esta relação tão especial e específica de modo a obter grandes resultados dela que surjam espontaneamente por sua mera ação normal, e compreendemos que isso somente pode ser feito através de uma nova ordem de pensamento.

Esta seqüencia é lógica porque ela implica um Poder, um Indivíduo que compreenda o Poder, e um Método de aplicação do poder deduzido da compreensão de sua natureza.

Estes são princípios gerais que, sem a sua total assimilação é impossível prosseguir, mas assumindo que o leitor tenha apreendido sua significância, nós agora devemos ir adiante para considerar sua aplicação em maiores detalhes.

Agora a aplicação deve ser a mais pessoal possível, porque é somente através do indivíduo que a maior especialização do poder pode ter lugar, mas ao mesmo tempo isso não deve nos levar a supor que o indivíduo, por si mesmo, traz a força criativa à existência.

Supor isso é inverter o sentido das coisas; e não podemos deixar gravado em nós mesmos assim tão profundamente que a relação entre o indivíduo e o Espírito Divino é a de um mero distribuidor, mas sim a de um criador original.

Se isso estiver claramente fixado à mente o caminho terá se tornado claro, de outra forma ainda estaremos sujeitos a nos confundir sobre o assunto.

O que, então, é o Poder o qual existimos para distribuir?

É o próprio Espírito Primordial.

Estamos certos de que assim é porque a nova ordem de pensamento sempre começa no início de qualquer série que ele

contempla vindo à manifestação, e isto está baseado no fato de a origem de todas as coisas é Espírito.

É nisso que seu poder criativo reside; daí a pessoa que está em verdadeira nova maneira de pensar assume como um fato axiomático aquilo que ele tem para distribuir trazer à manifestação é nada mais que o Espírito Primordial.

Sendo este o caso, é evidente que o PROPÓSITO da distribuição deve ser a mais perfeita expressão do Espírito Primordial como ele o é em si mesmo, e o que está em si é enfaticamente Vida.

O que está buscando expressão, então, é a Vitalidade do Espírito; e essa expressão deve ser encontrada, através de nós mesmo, através de nosso renovado modo de pensar.

Vejamos então como nossa nova ordem de pensamento, no que se refere ao Princípio da Vida, provavelmente vai operar em nossa velha forma de pensar, quando sempre associávamos Vida com o corpo físico – vida tem sido para nós o supremo fato físico.

Agora, porém, nós sabemos que Vida é muito mais que isso, mas, como o maior inclui o menor, Vida inclui o físico como um modo de sua manifestação.

A verdadeira ordem não requer de nós que neguemos a realidade física ou a chamemos de ilusão; ao contrário, vemos no físico a conclusão de um grande processo criativo, que ocupa lugar próprio em toda aquela série criativa, que o nosso velho modo de pensar não conseguia compreender assim.

Quando nós compreendemos a verdade sobre o Processo Criativo, nós vemos que a vida primordial não é física; sua existência consiste em pensamento e sentimento.

Pelo seu movimento mais interior ela lança fora veículos através dos quais expressa funções, e estes tornam-se formas vivas por causa do princípio interior que as sustenta; assim a Vida com a qual nós estamos ligados primariamente na nova ordem é a vida de pensamento e sentimento em nós mesmos como o veículo ou meio distribuidor da Vida do Espírito.

Então, se nós compreendemos a idéia do Espírito como o grande Poder FORMADOR, como já esclarecemos no último estudo, devemos procurar nele tanto a fonte da Forma como a de Poder: e como dedução lógica disso, devemos olhar para ele para conferir forma para nossos pensamentos e sentimentos.

Se o princípio é uma vez reconhecido, a seqüência é óbvia.

A forma obtida nas condições exteriores, seja física ou de circunstâncias, depende da forma obtida por nossos pensamentos e sentimentos, e nossos pensamentos e sentimentos tomarão forma daquela fonte a qual nós os autorizamos a receber sugestões.

Conforme nós possamos permitir-lhes que aceitem suas sugestões fundamentais diretamente do que é relativo e limitado, eles assumirão a forma correspondente e a transmitirão para nosso ambiente externo, com isso repetindo a velha ordem de limitação em um incessante e recorrente círculo.

Agora nosso objetivo passa a ser sair desse círculo de limitações, e o único caminho para fazer isso é ter nossos pensamentos e sentimentos moldados em novas formas, continuamente avançando para maior e maior perfeição.

Para encontrar este requisito, então, deve haver um poder formador maior do que aquele conhecido por nossas desamparadas concepções, e ele será encontrado através da nossa compreensão do Espírito como a Suprema Formosura, ou Sabedoria, moldando nossos pensamentos e sentimentos em formas harmoniosamente ajustadas para suas mais plenas expressões, em nós e através de nós, porém Vivificante como o Espírito é em si mesmo.

Isso é nada mais que a transferência para o mais interior plano de criação, de um princípio com o qual todos os leitores que estão “no pensamento” presumivelmente estão bem familiarizados: o princípio de Receptividade.

Nós todos sabemos o real significado de uma atitude mental receptiva quando aplicado à cura ou à telepatia; e daí não se seguiria logicamente que o mesmo princípio está envolvido no recebimento da própria vida diretamente da Fonte Suprema?

O que é preciso, portanto, é colocarmos a nós mesmos em uma atitude mental receptiva em frente ao Espírito Universal, com a intenção de receber sua influência construtora em nossa substância mental.

Essa é a presença de uma intenção definida, a qual distingue a atitude receptiva inteligente da mente de uma mera absorção-esponja, a qual sugaria em toda e qualquer influencia de um inconstante arredor: porque não devemos fechar nossos olhos para o fato de que existem várias influências na esfera mental, as quais nos envolvem, e algumas delas dos mais indesejáveis tipos.

Uma clara e definida intenção é então tão necessária em nossa atitude receptiva quanto em nossas ações e em nossas criações; e se nossa intenção é ter nossos próprios pensamentos e sentimentos moldados em uma certa forma como expressão daquelas da mesma natureza do Espírito, então nos estabelecemos um especial tipo de relação com ele, o Espírito a qual, pelas específicas condições do caso, deverá necessariamente nos guiar à concepção de novos ideais vitalizados por um poder que nos habilitará a trazê-los à concreta manifestação.

É dessa forma que nos tornamos centros distintos do Divino Pensamento, dando-lhe expressão em formas, no mundo do espaço e tempo, e com isso está resolvido o grande problema de possibilitar o Universal a agir sobre o plano do individual sem ser embaraçado por aquelas limitações que as meramente genéricas leis de manifestação impõem sobre o processo.

É justamente aqui que a mente subconsciente desempenha a função de uma “ponte” entre o finito e o infinito, como mencionado em meu “Estudos da Ciência Mental de Edimburgo”, e é também por essa razão que um reconhecimento de sua suscetibilidade é tão importante.

Através de estabelecer então uma relação pessoal com a vida do Espírito, a esfera de um indivíduo torna-se mais ampliada.

A razão é que ele permite uma inteligência muito maior que a sua própria a tomar a iniciativa; e uma vez que a pessoa sabe que essa Inteligência é também o próprio Princípio de Vida em pessoa, ele não poderá ter qualquer receito de que ela agiria de alguma forma para a

diminuição de sua vida individual, pois isso seria diminuir a sua própria operação – isso seria uma ação auto-destrutiva, o que seria uma contradição em termos da natureza conceptiva do Espírito Criativo.

Sabendo, pois, que através de sua inerente natureza, essa Inteligência somente pode trabalhar para a expansão da vida individual, nós podemos descansar sobre isso com a mais alta confiança e confiar nela para receber idéias que nos levarão para de longe os mais imensos resultados que qualquer de nós poderia prognosticar do ponto de vista de nosso próprio conhecimento.

Quanto mais nos insistirmos em ditar a forma através da qual o Espírito deve agir, nós o limitamos, e mais caminhos de expansão contrários serão abertos contra nós; e se perguntarmos a nós mesmos por que fazemos isso, descobriremos que em última análise é porque não acreditamos no Espírito como o poder FORMADOR.

Nós temos, na verdade, avançado para a concepção dele como sendo um poder executador, o qual vai trabalhar sob um modelo que lhe foi apresentado por alguém, mas já deveríamos tê-lo compreendido como altamente versado na arte do desenho, plenamente capaz de elaborar esquemas de construção, os quais não somente serão completos em si mesmos, mas também em perfeita harmonia com todos os outros.

Quando avançamos na concepção do Espírito como contenedor em si mesmo do ideal da Forma tanto quanto o Poder de realização, nós pararemos com os esforços de tentar forçar coisas para uma forma particular, seja no plano interior ou no plano exterior, e deveremos ficar contentes por crer na inerente harmoniosidade ou Formosura do Espírito, que constrói combinações muito mais avançadas do que qualquer coisa que poderíamos ter concebido por nós mesmos.

Isso não significa que devamos nos reduzir a uma condição de apatia, onde todo desejo, expectativa e entusiasmo nossos têm sido sufocados, pois eles são na verdade a principal fonte de nosso mecanismo mental, mas ao contrário, o conhecimento de que por trás deles há um Princípio Formativo tão infalível que não pode deixar de atingir seu objetivo; assim, não importam quão boas e maravilhosas as formas já existentes sejam, nós podemos descansar na feliz expectativa da chegada de alguma coisa ainda melhor.

E ela virá através de uma lei natural de crescimento, porque o Espírito é em si mesmo o Princípio de Crescimento.

Ele se expandirá para além das presentes condições pela simples razão de que, se você em algum momento futuro atingirá algum ponto, ele só poderá ter partido da posição em que você se encontra agora. Por isso há um ditado: “Não despreze um dia de coisas pequenas”.

Há somente uma condição conectada a este movimento para diante do Espírito no mundo de nossas redondezas, e é que nós devemos cooperar com o processo; e essa co-operação consiste em fazer o melhor uso das condições já existentes, em alegre confiança no Espírito de Crescimento, que está para expressar a si mesmo através de nós e por nós, porque nós estamos em harmonia com ele.

Essa atitude mental será de imenso valor para colocar-nos livres de preocupações e ansiedades, e como conseqüência nossa tarefa será feita de uma maneira muito mais eficiente.

Nós devemos continuar agindo sobre a condição atual, fazendo confiantemente nosso trabalho com as condições atuais, sabendo que dentro das atuais condições está o Princípio de Ampliação; e fazendo as coisas simplesmente dentro de suas possibilidades, deveremos trazer sobre elas um poder de concentração que não poderá falhar quanto à obtenção de bons resultados – e isso completamente de forma natural e sem qualquer esforço mais considerável.

Deveremos então concluir que o segredo desta co-operação é ter fé em nós mesmos, por que primeiro nós temos fé em Deus; e deveremos também descobrir que essa Divina auto-confiança é algo bem diferente de algum pretensioso egoísmo que assume uma superioridade pessoal sobre outros.

É simplesmente a convicção de um homem que sabe que está trabalhando em conformidade com uma lei da natureza.

Ele não reivindica como uma realização aquilo que a Lei faz POR ELE: mas por outro lado ele não se preocupa com eventuais clamores com sua presunçosa audácia vindas de pessoas que sejam ignorantes a respeito da Lei que ele está empregando. Por conseguinte ele não é nem jactancioso nem algo tímido, mas simplesmente trabalha nisso em alegre

expectativa porque sabe que sua confiança está sobre uma Lei que não pode ser quebrada.

Dentro dessa linha, temos que compreender a Vida do Espírito como sendo também a Lei do Espírito. As duas são idênticas, e não podem se contradizer.

Nosso reconhecimento delas conferem-lhes um novo ponto de partida, a nossa própria mentalidade, mas elas ainda continuam a serem as mesmas em suas naturezas, e ao menos que sejam limitadas ou invertidas por nossas convicções mentais de limitadas ou invertidas condições, elas estão obrigadas a trabalhar completa e mais completamente expressão da Vida, Amor, Formosura, as quais o Espírito é em si mesmo.

Nosso caminho, por conseguinte, é plano; consiste simplesmente em contemplar a Vida, o Amor, e a Formosura do Espírito Originador e reafirmar que já estamos dando expressão a ele em nossos pensamentos e em nossas ações, tão insignificantes eles possam se apresentar presentemente.

Esse caminho deverá ser estreito e modesto em seu início, mas ele continuamente crescerá largamente e se elevará para muito alto, por que ele é a contínua expressão da Vida do Espírito que é infinito e não conhece limites.

ALFA E ÔMEGA

Alfa e Ômega, o Primeiro e o Último.

O que isso significa?

Significa a série inteira de causa, desde o primeiro movimento original até o completo e final resultado.

Nós o encontraremos em qualquer processo, desde a criação do cosmos até a confecção de uma veste feminina.

Tudo tem a sua origem em uma idéia, um pensamento; e tem sua conclusão na manifestação daquele pensamento no mundo da forma.

Muitos estágios intermediários são necessários, mas o Alfa e Ômega desta seqüência são o pensamento e a coisa.

Isso nos mostra em essência que a coisa já existia no pensamento.

Ômega é já potencial em Alfa, exatamente como no sistema Pitagoreano todos os números estão fadados a procederem da unidade e poderem novamente voltar a ele.

Esse é o princípio geral da premente existência da coisa no pensamento que lançamos a princípio, e podemos mesmo entender isso quando vemos no desenho de um arquiteto a casa que deverá existir a partir dali, e da mesma forma encontramos este processo no grande trabalho do Arquiteto do Universo.

Quando vemos isso nós compreendemos um princípio geral, o qual nós vemos em ação por toda a parte.

Esse é o significado do princípio geral: ele pode ser aplicado a toda sorte de assuntos; e a utilidade de se estudar os princípios gerais é poder dar-lhes aplicações particulares a quaisquer coisas que tenhamos que lidar.

Presentemente, aquilo com o que muitos de nós têm de lidar é nós mesmos, e assim chegamos à consideração de Alfa e Ômega no ser humano.

Na visão de São João, que lavrou o verso “Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e o Último”, está implícito “Como ao filho do homem” – ou seja, embora transcendente sua percepção na visão (do apóstolo), a coisa é essencialmente humana, e nos sugere a presença do princípio universal ao nível humano.

Mas a figura na visão apocalíptica não é aquela do homem como o conhecemos ordinariamente. É aquela do Ômega como já encerrado no Alfa; é o ideal da humanidade como ele subsiste na Mente Divina, o qual foi manifesto em forma objetiva aos olhos do profeta, apresentando o Alfa e o Ômega em toda a majestade da glória Divina.

Mas se nós compreendemos a verdade que a coisa é já existente no pensamento, não deveríamos ver que esse transcendente ômega deve ser já existente no ideal Divino de cada um de nós?

Se não está no plano do tempo absoluto e infinito, então isso não significa que uma humanidade glorificada é um fato presente na Mente Divina?

E se isso é assim, então esse fato é eternamente verdadeiro quanto a todo ser humano.

Mas se é verdade que a coisa existe no pensamento, é igualmente verdade que o pensamento encontra forma na coisa; e uma vez que coisas existem sob condições relativas de tempo e espaço, elas estão naturalmente sujeitas a uma lei de Desenvolvimento.

Assim, enquanto a subsistência da coisa no pensamento é perfeita no início, por outro lado, a expressão do pensamento na coisa se dá por um desenvolvimento gradual.

Esse é um ponto o qual nós nunca poderemos perder de vista em nossos estudos; e nós nunca devemos perder de vista a perfeição do pensamento na coisa.

Dessa forma devemos lembrar que o homem, como o conhecemos agora, de maneira alguma já atingiu a plenitude de sua evolução.

Nós estamos ainda em construção, mas agora atingimos um ponto onde podemos facilitar o processo evolucionário através de uma co-operação consciente com o Espírito Criativo.

Nossa parte nessa história começa com o reconhecimento do ideal Divino do homem, e com isso descobrimos o modelo através do qual somos conduzidos.

Por que uma vez que a pessoa que é criada por esse modelo somos nós mesmos, segue-se que, seja por que processo o ideal Divino transforme a si mesmo em uma realidade concreta, o lugar onde esses processos irão trabalhar deve necessariamente estar dentro de nós; em outras palavras, a ação criativa do Espírito toma lugar através de leis de nossa própria mentalidade.

Se é uma máxima verdadeira que a coisa deve tomar forma no pensamento antes que o pensamento possa tomar forma na coisa, então está claro que o ideal Divino somente pode ser externado em nossa vida objetiva na proporção em que esteja primeiramente formado em nosso pensamento; e ele toma forma em nosso pensamento somente na extensão a qual nós conseguimos apreender sua existência na Mente Divina.

A natureza da relação entre a mente individual e a Mente Universal é estritamente um caso de reflexão (de cada um); e na proporção em que o espelho de nossa mente embaça ou reflete claramente a imagem do ideal Divino, assim suscitará uma correspondentemente fraca ou vigorosa reprodução dele em nossa vida exterior.

Isso sendo o racional desta matéria, por que deveríamos limitar nossa concepção do ideal Divino de nós mesmos?

Por que dizer, “Eu sou uma criatura muito pequena para refletir tão gloriosa a imagem”, ou “Deus nunca pretendeu tal ilimitado ideal a ser reproduzido em seres humanos.”?

Ao dizer coisas como essas, nós expomos nossa ignorância a respeito da totalidade da Lei do Processo Criativo.

Nós vedamos nossos olhos para o fato de que o Ômega da obra completa subsiste no Alfa da concepção, e que o Alfa da concepção não seria nada mais que uma ilusão mentirosa se não fosse capaz de expressão no Ômega da plenitude da coisa.

O processo criativo em nós é aquele em que nos tornamos o reflexo individual daquilo que entendemos a relatividade de Deus para nós, e segue-se daí que se nós compreendemos o Espírito Divino como o INFINITO potencial de tudo que pode constituir um ser humano perfeito, essa concepção deve, pela Lei do Processo Criativo, gradualmente construir uma imagem correspondente em nossa mente, a qual por seu turno agirá sobre nossas condições externas.

Essa, através das leis da mente, é a natureza do processo e nos mostra o que São Paulo quis dizer quando ele falou a respeito de Cristo sendo formado em nós (Gal.4:19), e o que ele em outro lugar chama de ser renovado em conhecimento segundo a imagem dEle que nos criou (Col.3:10).

Esta é uma seqüência lógica de causa e efeito, e o que desejamos é ver mais claramente a Lei desta seqüência e usar isso inteligentemente – eis porque São Paulo disse a respeito “renovado em conhecimento”: é um Novo Conhecimento, o reconhecimento de princípios os quais nós não tínhamos antes apreendido.

Agora consideramos o fato o qual, em nossa experiência passada, não havíamos capturado em nosso entendimento, que é: a mente humana forma um novo ponto de partida para o trabalho do Espírito Criativo; e na proporção em que vemos isso mais e mais claramente, mais deveremos nos encontrar a nós mesmos entrando em uma nova ordem de vida na qual nos tornamos menos e menos sujeitos à velhas limitações.

Esta não é uma recompensa conferida arbitrariamente a nós por nos mantermos dogmaticamente atados a certas meras declarações verbais, mas é o resultado da compreensão da suprema lei de nossa própria existência.

Em nosso próprio plano isso é algo puramente científico, como algumas leis de reações químicas; somente que aqui nós não estamos lidando com a interação de causas secundárias, mas com a ação Auto-originadora do Espírito.

Daqui, uma nova força tem que ser levada em conta, a qual não ocorre na ciência física, o poder do sentimento.

Pensamento cria forma, mas é o sentimento que confere vitalidade ao pensamento.

Pensamento sem sentimento poderá ser construtivo em algum trabalho de engenharia, mas ele jamais poderá ser criativo como no trabalho de um artista ou de um músico; e aquilo que origina dentro de si uma nova ordem causal é, muito além do que todas as outras pré-existentes formas estejam cientes, uma criação *do nada*, é um Pensamento mais expressivo em virtude do Sentimento (que o vitaliza).

É essa união indissolúvel de Pensamento e Sentimento que distingue pensamento criativo do meramente analítico pensamento e o coloca em uma diferente categoria; segue-se daí que, se nós vamos permitir um novo ponto de partida para o trabalho de criação, tal deverá ser por assimilar o sentimento do Espírito Originador como parte da parcela de pensamento que Ele contém – entrando dentro da Mente do Espírito do qual eu falei no início dessas palestras.

Neste ponto, as imagens na Mente do Espírito devem necessariamente ser GENÉRICAS.

A razão para isso é porque em sua natureza inicial o Princípio da Vida deve ser prolífico, fecundo, isso é, tendente à Multiplicidade, então a Imagem-Pensamento original deve ser fundamental para toda a raça, e não exclusivo a um indivíduo em particular.

Conseqüentemente as imagens contidas na Mente do Espírito devem ser tipos absolutos da verdadeira essência do perfeito desenvolvimento da raça, justamente o que Platão quis dizer com idéias arquétipas.

É a perfeita pré-subsistência da coisa no pensamento.

Por isso que nossa evolução como centros de atividade CRIATIVA, como expoentes de novas leis, e através deles de novas condições, depende de nossa compreensão da Mente Divina como o arquétipo da perfeição mental, tanto em pensamento como em sentimento.

Mas quando encontramos tudo isso na Mente Divina, não deveríamos achar juntamente uma infinita e gloriosa Personalidade?

Não há nenhum problema de entendimento quando falamos de Personalidade, exceto quanto à sua forma exterior; e uma vez que a verdadeira essência da telepatia é que ela dispensa a presença física, encontramo-nos em uma posição de comunhão interior com uma Personalidade ao mesmo tempo Divina e Humana.

Esta é aquela Personalidade do Espírito a qual São João viu em sua visão apocalíptica, que através das condições do caso, é o Alfa e o Ômega da Humanidade.

Mas, como eu disse, em si mesma essa Personalidade é GENÉRICA, e se torna ativa e específica somente através de uma relação puramente pessoal com o individual.

Mas uma vez mais devemos compreender que nada pode existir exceto de acordo com a Lei, daí se concluindo que a relação (indivíduo/Personalidade do Espírito) não é nada arbitrária, mas surge pela Lei genérica aplicada sob condições específicas.

E uma vez que o que faz uma lei genérica é precisamente o fato de que ela não supre as condições específicas, segue-se que as condições para a especialização da Lei devem ser providenciadas pelo indivíduo.

Então esse reconhecimento de um movimento criativo originador, como surgido de Pensamento e Sentimento combinados, torna-se um prático mecanismo construtor.

O indivíduo compreende que há um Coração e Mente do Espírito (Divino) que é recíproco ao seu próprio coração e mente, com o qual ele não está lidando com alguma delicada abstração, tampouco como com meras verdades matemáticas, mas como algo que está pulsando com uma Vida tão quente e vívida e repleta de interesse como a dela própria – não, mais que isso, é o Infinito de tudo.

E esse reconhecimento avança até mesmo para além disso, porque uma vez que a especialização (da vontade de criar uma nova forma) somente pode surgir através de um indivíduo, segue-se logicamente que a Vida, a qual dessa forma especificamos, torna-se a SUA PRÓPRIA vida.

Ou seja, a partir desse reconhecimento o indivíduo não pensa mais em si mesmo como apartado dEle.

Porém, esse auto-reconhecimento através do indivíduo não pode de forma alguma mudar a natureza inerente do Espírito Criativo, e daí para a extensão para a qual o indivíduo percebe a identificação (do próprio Espírito) consigo mesmo, ele coloca a si mesmo sob sua direção, e assim ele se torna uma daqueles que são "guiados pelo espírito".

Então ele começa a encontrar o Alfa e o Ômega do ideal Divino reproduzido em si mesmo – em um grau muito reduzido neste momento, mas contenedor do princípio do perpétuo crescimento para uma expansão infinita da qual nós ainda não podemos formar qualquer idéia.

São João resume o essencial desta situação em suas memoráveis palavras "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser; mas sabemos que, quando Ele se manifestar (i.e., tornar-se claro para nós), seremos semelhantes a Ele, porque (i.e., a razão de tudo isso) nós haveremos de vê-Lo como Ele é" (I.Jo, 3:2).

O PODER CRIATIVO DO PENSAMENTO

Um dos grandes axiomas nessa nova ordem de idéias das quais eu tenho falado, é que nosso Pensamento possui poder criativo, e uma vez que a estrutura total de uma coisa depende de sua fundação, é de bom tom examinar isso cuidadosamente.

Agora o ponto de partida é verificar que Pensamento, ou ação puramente mental, é a única fonte possível da qual a criação existente poderia ter vindo à manifestação, e é na conta desse pensamento que, em parágrafos anteriores, eu assentei a explicação da origem do cosmos.

Portanto, é necessário ir a esse ponto novamente, e começaremos o estudo desta manhã por assumir que toda manifestação é em essência a expressão de um Pensamento Divino.

Sendo assim, nossa própria mente é a expressão de um Pensamento Divino.

O Pensamento Divino produziu coisas que por si mesmas são capazes de pensar; mas a questão é se seu pensamento tem a mesma qualidade criativa de sua Mente Geradora.

Pelas várias hipóteses do caso o próprio Processo Criativo consiste na contínua diligência sempre para adiante do Espírito Universal para expressão através do individual e particular, e Espírito em seus diferentes aspectos é portanto a Vida e Substância do Universo.

Daqui segue-se que, se há uma expressão de poder do pensamento, ele somente pode ser pela expressão do mesmo poder do pensamento que subsiste latente no Espírito Originador.

Se ele fosse menos que isso, seria apenas alguma sorte de mecanismo, e não seria poder de pensamento, então para ser poder do pensamento ele deve ser idêntico em espécie àquele do Espírito Originador.

É por essa razão que se diz que o homem foi criado á imagem e semelhança de Deus, e se nós compreendemos que é impossível para

ele ser de outro modo, encontraremos o firme fundamento do qual tiraremos muitas deduções importantes.

Mas se nosso pensamento possui poder criativo, por que somos estorvados por condições adversas?

A resposta é, porque até agora nós temos usado nosso poder de forma invertida.

Temos tirado o ponto de partida de nossos pensamentos dos fatos externos e consequentemente criado uma repetição de fatos de natureza similar, e enquanto continuarmos a fazer isso, estamos indo para a perpetuação deste velho círculo de limitação.

E possuindo a sensibilidade do subconsciente a sugestões, estamos sujeitos a uma muito poderosa influência negativa daqueles que não são acostumados a viver de forma positiva, idem por crenças raciais e pelos pensamentos correntes de nosso ambiente mais próximo. Isso tudo tende a consolidar nosso raciocínio invertido.

Não surpreende que o poder criativo de nosso pensamento, assim usado em uma direção errada, tem produzido as limitações das quais temos reclamado.

O remédio, então, é através da reversão de nossa maneira de pensar, e ao invés de tomar fatos externos como nossos pontos de partida, assumir a inerente natureza do poder mental como nosso ponto de partida.

Já avançamos com isso dois grandes passos nessa direção, primeiro por ver que o todo manifestado cosmos pode ter tido sua origem em lugar algum, exceto em um poder mental, e em segundo lugar por compreendermos que nosso próprio poder mental deve necessariamente ser o mesmo em qualidade com aquele da Mente Originadora.

Agora podemos ir a um passo além, e ver como esse poder em si mesmo pode ser perpetuado e intensificado.

Pela natureza do processo criativo, sua mente é ela mesma um pensamento da Mente Geradora, assim, enquanto esse pensamento da Mente Universal subsistir, você vai subsistir, porque você é ele.

Mas enquanto você mantiver esse pensamento ele continuará a subsistir, e necessariamente permanecerá presente na Mente Divina, com isso preenchendo as condições lógicas requeridas para a perpetuação da vida individual.

Uma analogia meio pobre do processo pode ser encontrada em um dínamo auto-indutivo, onde o magnetismo gera a corrente, e a corrente intensifica o magnetismo, com o resultado de produzir continuamente uma ainda maior corrente até que o limite de saturação seja encontrado; na substantiva infinitude da Mente Universal e na potencial infinitude da Mente Individual não há qualquer limite de saturação.

Ou nós podemos comparar a interação destas duas mentes a dois espelhos, um grande e outro menor, opostos um ao outro, com a palavra "Vida" gravada no maior. Então, pela lei de reflexão, a palavra "Vida" também irá aparecer na imagem do espelho menor refletida no espelho maior.

Naturalmente estas são somente imperfeitas analogias; mas se sua mente alguma vez abraçar a idéia de sua própria individualidade como um pensamento na Mente Divina a qual está habilitada para perpetuar a si mesma através do processo de pensar em si mesma como o pensamento que é, você encontrou a raiz de toda a matéria, e pelo mesmo processo você não só perpetuará sua vida, como a expandirá.

Quando compreendemos isso de um lado, e de outro, que todas as condições externas, incluindo o corpo, são produzidas pelo pensamento, encontraremos a nós mesmos em meio a dois infinitos, o infinito da Mente e o infinito da Substância – de ambos podemos evocar o que desejamos, e moldar condições específicas da Substância Universal através do Poder Criativo que obtemos da Mente Universal.

Mas devemos lembrar que isso se dá não pela força de um desejo pessoal sobre a substância, o que é um erro que nos depositará em toda sorte de inversões, mas compreendendo nossa mente como um canal através do qual a Mente Universal opera sobre substâncias de uma forma particular, de acordo com o modo de pensar que estamos procurando incorporar.

Se, então, nossos pensamentos estão habitualmente concentrados sobre princípios mais do que sobre coisas em particular, compreendendo que princípios são nada menos que a Mente Divina em operação, perceberemos que eles irão necessariamente germinar para produzir sua própria expressão de fatos correspondentes, com isso confirmando as palavras do Grande Mestre, “Buscai primeiro o Reino de Deus e Sua justiça, e todas as demais coisas lhe serão acrescentadas.”

Mas devemos jamais perder de vista a razão do poder criativo de nosso pensamento, ou seja, que é porque nossa mente é ela mesma um pensamento da Mente Divina, e daí segue-se conseqüentemente que nosso avanço em coisas da vida bem como no poder criativo será na exata proporção de nossa percepção de nossa relação com a Mente Geradora.

Em considerações desse tipo é encontrada a base filosófica da doutrina bíblica da “Filiação”, com sua culminação na concepção do Cristo.

Essas coisas não são meras fantasias, mas a expressão de princípios estritamente científicos, em meio a suas aplicações aos mais profundos problemas da vida individual; e sua base é que o mundo de cada um, seja dentro ou fora da carne, deve necessariamente ser criado por sua própria consciência, e, por seu turno, seu modo de conscientização terá necessariamente em sua face a cor correspondente da sua própria concepção de sua relação com a Mente Divina – ou para a exclusão da cor e da luz, se a pessoa não compreende ou absorve nada da Mente Divina, ou para sua evolução para formas de formosura na proporção em que ela compreende sua identidade de ser com aquele Todo-Criador Espírito, que é Luz, Amor, e Formosura em si mesmo.

Assim o grande trabalho criativo do Pensamento em cada um de nós é fazer-nos conscientemente “filhos e filhas do Todo-Poderoso”, compreendendo que em virtude de nossa origem divina, nós nunca poderemos realmente estar separados da Mente Geradora, a qual está continuamente buscando expressão através de nós, e que qualquer aparente separação é devido à nossa própria concepção equivocada da verdadeira natureza da inerente relação entre o Universal e o Individual.

Esta é a lição a qual o Grande Mestre tão luminosamente nos deu através da parábola do Filho Pródigo.

A GRANDE AFIRMAÇÃO

A Grande Afirmação aparece em dois modos, o cósmico e o individual.

Em sua essência é a mesma em ambos; mas em cada um ela trabalha a partir de um diferente ponto de partida.

Trata-se sempre do princípio de Ser – o que é, como distinto daquilo que não é; mas para capturar a verdadeira significância deste dito devemos compreender o que significa "aquilo que não é".

É algo mais do que mera não existência, por isso nós obviamente não nos preocuparemos em entender o que seria não-existência.

O que é e não é ao mesmo tempo? A coisa que responde a isso é "Condições".

Uma afirmação pequena é aquela que afirma condições particulares, enquanto que uma grande afirmação sub-entende uma concepção de maior escala, a concepção daquilo que dá origem a condições.

Cosmicamente estamos aqui falando daquele poder do Espírito que envia adiante toda a criação como sua expressão de si mesmo, e é por essa razão que eu tenho chamado a atenção nos estudos precedentes para a idéia da criação *ex-nihilo* de todo o universo visível.

Como as Escrituras, tanto do Oriente como do Ocidente semelhantemente nos contam, é o sopro de vida do Espírito Original; e se você acompanhou o que eu tenho dito a respeito da reprodução desse Espírito no Indivíduo – que pela real natureza do processo criativo a mente humana deve ser da mesma qualidade daquela da Mente Divina – então chegamos a que um segundo modo de Espírito Originador torna-se possível, que é pela operação da mente individual.

Mas seja agindo cosmicamente ou pessoalmente, trata-se sempre do mesmo Espírito e por isso não pode perder seu inerente caráter que é aquele do Poder que cria " *ex-nihilo* ".

É a direta contradição da máxima “ex nihilo, nihil fit” – nada pode ser criado do nada; e isso e o reconhecimento da presença em nós mesmos deste poder, o qual pode fazer alguma coisa do nada, que é a chave para nosso progresso ulterior.

Como conseqüência lógica do processo criativo cósmico, o trabalho evolucionário chega a um ponto onde o Poder Originador cria uma imagem de si mesmo; e assim garante um novo ponto de partida do qual ele pode trabalhar, agora especificamente, exatamente como no processo cósmico ele trabalha, embora genericamente.

A partir deste novo ponto de partida ele não faz nada que de qualquer modo contradiga as leis da ordem cósmica, mas procede para torná-las especializadas (à concepção particular ora iniciada), assim trazendo resultados através do individuo os quais não poderiam ser atingidos de outra forma.

O Espírito faz isso pelo mesmo método utilizado na Criação Original, ou seja, pela criação *em-nihilo*; porque de outra maneira ele ficaria atado pelas limitações necessariamente inerentes na forma cósmica das coisas e assim nenhum novo ponto de partida criativo teria sido encontrado.

Eis ai porque a Bíblia insiste no princípio da Monogênese, ou criação a partir de um único poder ao invés de um casal ou sygegy; e é nessa conta que fomos informados que essa Unicidade de Deus é o fundamento de todos os mandamentos, e que do “Filho de Deus” é declarado ser “monogerado” ou gerado de um (“one-begotten”), porque essa é a correta tradução da palavra grega.

A imensa importância desse princípio da criação de um poder único torna-se mais aparente quando nós compreendemos mais plenamente os resultados procedentes de assumir-se o princípio oposto, ou o dualismo do poder criativo; mas como a discussão deste grande assunto requereria um volume só para ele, eu prefiro, neste momento, contentar-me em dizer que essa insistência da Bíblia na unicidade do Poder Criativo está baseada num conhecimento o qual aponta para bem enraizados princípios esotéricos, e por isso não pode ser colocado de lado em favor de sistemas dualísticos, ainda que superficialmente o último possa parecer mais consoante com a razão.

Se, então, e possível colocar a Grande Afirmação em palavras, ela é que Deus é UNO, e que esse UM encontra origem em si mesmo; e se o completo sentido desta afirmação é compreendido, o resultado lógico será concluído como Ele sendo uma nova criação em si e de si mesmo.

Nós devemos conceber em nós mesmos o trabalho de um novo princípio cujo traço que mais o distingue é a simplicidade.

Isso é Unicidade, é não "sofre" pela existência ou não de qualquer outra coisa.

Daí, o que se contempla não é como sua ação será modificada por ações de outro segundo princípio, algo que lhe compelirá para trabalhar de alguma maneira particular, e assim limitá-lo; mas o que se contempla é a sua própria Unicidade.

Então se percebe que a Unicidade consiste em um maior e menor movimento, exatamente como a rotação da terra em seu eixo não interfere em sua rotação ao redor do sol, mas são ambos movimentos da mesma coisa, e estão definitivamente relacionados um com o outro.

Dessa maneira ficamos sabendo que o Espírito está se movendo simultaneamente no macrocosmo do universo e no microcosmo do indivíduo, e que os dois movimentos se harmonizam, porque eles são do mesmo espírito, e o segundo está incluído no primeiro e o pressupõe.

A Grande Afirmação, dessa forma, é a percepção de que o "EU SOU" é UM, sempre harmonioso consigo mesmo, e incluindo todas as coisas em sua harmonia pela simples razão de que não há nenhum poder criativo; e quando a pessoa compreende que este sempre-único poder é a raiz de seu próprio ser, por isso tem centro em si mesmo e encontra expressão através idem, ela aprende a confiar nessa unicidade e a conseqüente harmonia desta ação nele com o que ele está fazendo NO ENTORNO de si.

Então ela vê que a afirmação "Eu e meu Pai somo UM" é a dedução necessária da correta apreensão do princípio fundamental de ser; e aí, pelo princípio de que o menor deve estar incluído no maior, ela deseja que aquela harmoniosa unidade de ação seja mantida pela adaptação de seu próprio movimento para o movimento mais amplo do Espírito, trabalhando como o Princípio Criativo através do grande todo.

Dessa forma nos tornamos centros através do que forças criativas encontram especialização, pelo desenvolvimento daquele fator pessoal do qual a aplicação específica de leis gerais devem sempre depender.

Uma sorte específica de individualidade é formada, capaz de ser a ligação entre o grande Poder Espiritual do universo e a manifestação de coisas co-relacionadas no tempo e no espaço, porque conscientemente há um compartilhamento de ambos; e em virtude de o indivíduo desta classe reconhecer a unicidade do Espírito como o ponto de partida de todas as coisas, ele esforça-se por apartar sua mente de todos os argumentos derivados de condições externas, sejam do passado ou do presente, e ligá-lo sobre o movimento adiante do Espírito o qual ele sabe ser sempre idêntico, tanto no universo com em si mesmo.

Ele cessa de tentar ensinar ao Espírito, porque (agora) ele não vê nele uma mera força cega, antes venera-o como a Suprema Inteligência: e por outro lado ele não prostra-se diante da Inteligência em dúvidas e receios, porque ele sabe que ela é uma com ele e está entendendo a si mesmo através dele, dessa forma não podendo haver qualquer propósito antagônico a sua própria ventura.

Compreendendo isso ele deliberadamente coloca seus pensamentos sob a direção do Espírito Divino, sabendo que seus atos e condições exteriores deverão por isso serem trazidos em harmonia com o grande movimento avante do Espírito, não somente no estágio em que ele se encontra agora, mas em todos os estágios futuros.

Ele não nega de forma alguma o poder de seu próprio pensamento como o poder criativo em seu próprio mundo pessoal – pelo contrário, é precisamente pelo conhecimento deste fato que sua percepção que o verdadeiro ajuste entre os princípios da Vida é baseado; mas justamente por esta razão ele é o mais solícito de ser guiado por aquela Sabedoria que pode ver o que ele não pode, assim seu controle pessoal sobre as condições de sua própria vida deverão ser empregados para seu contínuo incremento e desenvolvimento.

Dessa forma, nossa afirmação de “Eu sou” cessa de ser a petulante asseveração de nossa limitada personalidade e torna-se a afirmação que o Grande “EU SOU” afirma sua própria qualidade mais intrínseca (* his own I AM-ness – do original em inglês – N. do T.), tanto através dEle

como de nós, com isso nosso uso daquelas palavras torna-se em muito verdadeira Grande Afirmação, ou tudo que é a raiz de todo ser como distinto daquilo que não possui “ser” em si mesmo, mas é meramente externalizado por ser o veículo de sua expressão.

Devemos entender nossa verdadeira posição como centros criativos subordinados, perfeitamente independente das condições existentes, porque o processo criativo é aquele da monogênese e não requer qualquer outro fator do que o Espírito para seu exercício, mas ao mesmo tempo subordinado ao Espírito Divino na grandeza de seu inerente movimento de avanço, porque há somente UM Espírito, e não pode ocorrer de um centro antagonizar o que Ele está fazendo em outro centro.

Assim a Grande Afirmação nos faz crianças do Grande Rei, finalmente vivendo em obediência àquele Poder o qual está sobre nós, e exercitando o mesmo poder sobre todo aquele mundo de causação secundária que está abaixo de nós.

Com isso em nossa medida e condição cada um de nós irá receber a missão do EU SOU.

CRISTO, O CUMPRIMENTO DA LEI

"Não pensem que eu vim para destruir a lei ou os profetas: Eu não vim para destruir, mas para cumprir." (Math, 5:17)

"Cristo é o fim da lei para justiça de todo que crê." (Rom. 10:4)

Se estas palavras são a revelação de meras superstições sectárias elas são sem valor, mas se elas são a declaração de um grande princípio, então elas valem nosso tempo em inquirir o que este princípio é.

O cumprimento de qualquer coisa é a chegada à completa realização de tudo o que a sua potencialidade contém, e assim o cumprimento de qualquer lei para a sua plenitude significa trazer para fora todas as possibilidades que estão ocultas nela.

Esse é precisamente o método que tem levado adiante todos os avanços da civilização material.

As leis da natureza são as mesmas agora como eram nos dias de nossos rudes ancestrais Anglo-Saxônicos, mas eles conseguiram colher somente uma infinitesimal fração das possibilidades que aquelas leis ofereciam; presentemente nós temos conseguido fazer brotar uma boa porção, mas de maneira alguma as exaurimos, e continuemos avançando, não pela contraposição a leis naturais, mas através de compreendendo mais completamente suas capacidades.

Por que não deveríamos nós, então, aplicar o mesmo método a nós mesmos e verificar mesmo que há possibilidades ocultas na lei de nosso próprio ser as quais nós ainda não conseguimos trazer à plena realização?

Estamos falando de um bom tempo chegando e de um aperfeiçoamento da raça; mas temos refletido que a raça é composta por indivíduos e que por isso avanços reais serão feitos somente através de melhoramentos individuais, e não por Ato do Parlamento?

E, sendo assim, então aquilo com que o indivíduo deve começar é consigo mesmo.

A completa manifestação da Lei da Individualidade é o fim ou o propósito dos ensinos Bíblicos em relação a Cristo.

É um ensinamento baseado sobre Lei, mental e espiritual, plenamente reconhecendo que nenhum efeito pode ser produzido exceto pela operação de uma causa adequada, e Cristo é colocado diante de nós tanto como explicando as causas, como exibindo a medida completa dos efeitos.

Tudo isso está de acordo com a Lei; e a importância dessas coisas serem de acordo com a Lei é universal, e as possibilidades da lei são por isso inerentes em todos: não há lei especial para ninguém, mas qualquer um pode especializar a lei através de usá-la com um melhor e mais completo entendimento acerca de quanto pode ser tirado dela; e o propósito dos ensinamentos das Escrituras relacionados a Cristo é ajudar-nos a fazer isso.

Os estudos precedentes nos levaram passo a passo a ver que o Espírito Originador, o qual primeiramente trouxe o mundo á existência, é também a raiz de nossa própria individualidade, e por isso está sempre pronto, por sua natureza, a continuar o processo criativo a partir de ponto de partida individual tão logo as condições necessárias são providenciadas, e essas condições são pensamentos.

Então através da compreensão da relação de Cristo com a Mente Originadora, o Espírito Mãe ou “Pai”, nós recebemos um PADRÃO de pensamento o qual é obrigado moralmente a agir criativamente, trazendo para a existência todas as potencialidades nosso ser oculto.

Em Cristo, a relação dele com o “Pai” é daquele tipo da idéia Arquetípica de a Toda-criadora Mente da qual eu tenho falado até agora, e assim chegamos à concepção da idéia-Cristo como um princípio universal, e como sendo ela uma idéia assim capaz da reprodução na Mente individual, dessa forma explicando o que São Paulo quer dizer quando ele fala de Cristo sendo formado em nós.

É aqui que o princípio da monogênese entra, aquele princípio que eu empenhei-me em descrever no início da presente série de estudos,

como originando toda a criação manifestada de uma ação do Espírito sobre si mesmo; e é a total ausência de controle por qualquer outro poder que rende a realização em realidades exteriores de uma puramente mental possibilidade ideal.

Por essa razão um estudo espiritual sistemático começa com a contemplação do cosmos existente, e quando transferimos a concepção do poder monogenético do Espírito do cosmos para o indivíduo, compreendemos que o mesmo Espírito é hábil para fazer a mesma coisa através de nós mesmos.

Esse é o novo pensamento que a seu tempo completará a si mesmo na Nova Ordem, e nós dessa forma proveremos novos pensamentos os quais capacitarão o Espírito a levar adiante seu trabalho criativo a partir de um novo ponto de partida, que é a nossa própria individualidade.

A obtenção pelo Espírito de um novo ponto de partida é o que quer dizer a doutrina esotérica das Oitavas.

As Oitavas são o ponto de partida de novas séries, reduplicando o ponto de partida das séries anteriores em um nível diferente, exatamente como faz a nota oitava na música.

Encontramos esse princípio constantemente citado nas Escrituras – a conclusão de uma série prévia no número Sete, e o início de uma nova série através do número Oito, que toma o mesmo lugar na segunda série como o número Um fez na primeira.

A segunda série surge da primeira por meio de um crescimento natural, e não pode vir á existência sem isso, daí que o Primeiro ou número Originador é o Oitavo, se consideramos a segunda séria como a prolongação da primeira.

Sete é a correspondência numérica da manifestação completa porque ele é a combinação de três e quatro, os quais respectivamente representam o trabalho completo dos fatores espiritual e material – involução e evolução – e com isso juntos constituem o todo finalizado.

Estudiosos do Tarô irão aqui compreender o processo através do qual o Yod do Yod torna-se o Yod dEle.

É por essa razão que o primário a criação cósmica terminou no descanso do Sétimo Dia, pois isso não poderia acontecer até que um novo ponto de partida fosse encontrado.

Mas quando esse novo ponto de partida é encontrado no homem compreendendo sua relação com o “Pai”, nós começamos uma nova série, tocando a Oitava Criativa e com isso a Ressurreição tem efeito, não no Sábado ou Sétimo Dia, mas no Oitavo Dia, quando então tornou-se o Primeiro dia de uma nova operosa semana.

O princípio da Ressurreição é a compreensão pelo homem de sua individualização do Espírito e o reconhecimento do fato de, uma vez que o Espírito é sempre o mesmo Espírito, ele torna-se o Alfa de uma nova criação a partir de seu próprio centro de ser.

Então tudo isso é necessariamente um processo interior ocorrendo no plano mental; mas se nós compreendemos que o processo criativo é sempre primariamente de involução, ou de formação no mundo espiritual, certamente depreenderemos o significado de Cristo como “o Filho de Deus” – a concentração do Espírito Universal em uma Personalidade no plano espiritual correlativamente à individualidade de cada um que forneça as necessárias condições de pensamento.

Para todos o que apreendem isso é descoberta então no Espírito Universal a presença de uma Individualidade Divina recíproca àquela do indivíduo humano, o reconhecimento de qual é a solução prática de todos os problemas metafísicos relacionados à emanação da alma individual do Espírito Universal e as relações resultantes daí; porque essas coisas pertencem à parte de fora da região de especulação intelectual, que nunca é criativa, mas somente analítica, e transfere isso para a região do sentimento e da sensação espiritual, que é o domicílio das forças criativas.

Esse reconhecimento pessoal do Divino então fornece-nos uma nova base de Afirmação, e não precisamos mais importar-nos em voltar para trás para analisar essas coisas, porque nós sabemos experimentalmente que Ele está ali; assim agora encontramos o ponto de partida da nova criação efetivamente feita por nós de acordo com o modelo arquetípico na própria Mente Divina e assim perfeita e corretamente formada

Quando essa verdade é claramente apreendida, se por termos encontrado-a por meio de um processo intelectual ou por simples intuição, podemos fazê-la de nosso ponto de partida e reivindicar que nosso pensamento seja permeado pelo poder criativo do Espírito em sua base.

Porém, mesmo que seja muita vasta a nossa concepção assim obtida, devemos lembrar-nos que é ainda um ponto de partida.

Isso, na verdade, transcende nosso conjunto de idéias e mesmo apresenta uma culminação das sérias criativas cósmicas a qual lhes passam além, assim nos levando ao número Oito ou à Oitava; mas nesta conta, é o número Um de uma nova série criativa, a qual é pessoal ao indivíduo.

Então, em virtude de ser o Espírito sempre o mesmo, devemos olhar para uma repetição do processo criativo em um nível superior, e, como todos sabemos, esse processo consiste primeiro da involução do Espírito em Substância, e consequentemente da subseqüente evolução da Substância para formas continuamente crescentes em adequação como veículos para o Espírito: assim nós agora devemos procurar por uma repetição desse processo universal a partir desse novo ponto de partida na mente individual e contar com a correspondente exteriorização em conformidade com nosso familiar axioma, de que “pensamentos são coisas”.

Trata-se agora de uma verdadeira manifestação externa do ideal Divino, de que o Cristo dos Evangelhos está montado diante de nós.

Eu não desejo dogmatizar, mas vou apenas dizer que quanto mais claro compreendemos a natureza do processo criativo no lado espiritual, mais as eventuais objeções à narrativa dos Evangelhos perdem sua força; e com isso parece para mim que negá-los como impossibilidades é fazer uma afirmação similar em relação ao próprio poder do Espírito.

Você não pode declarar um princípio e negá-lo em seguida; e se nós reconhecemos o poder exteriorizado do Espírito em nosso próprio caso, eu não vejo como estabelecer logicamente um limite para sua ação e dizer que sob certas condições altamente especificadas ele não poderia produzir correspondentes altamente especializados efeitos.

É por essa razão que São João colocou a questão do Cristo manifesto na carne como o critério da máxima importância (I Jo, 4:2).

Se o Espírito pode afinal criar, então você não pode logicamente limitar a extensão ou método de seu trabalho; e uma vez que a base de nossa expectativa da expansão individual é o poder criativo ilimitado do Espírito, rejeitar o Cristo dos Evangelhos como uma impossibilidade é tirar o chão de debaixo de nossos próprios pés.

Uma coisa é dizer ”Eu não compreendo porque o Espírito deveria ter trabalhado daquela forma” – que é meramente uma honesta declaração de nosso atual estágio de conhecimento, ou poderíamos inclusive chegar a dizer que nós não nos sentimos convencidos que Ele realmente trabalhou daquela forma – essa é uma confissão verdadeira de nossa dificuldade intelectual – mas certamente aqueles que estão professadamente confiantes no poder do Espírito de produzir resultados externos não poderão dizer que Ele não possui aquele poder, ou o possui apenas em algum grau limitado; essa posição é logicamente auto-destrutiva.

O que nós deveríamos fazer então é suspender julgamentos e seguir a luz até onde nós a pudermos enxergar, e mais e mais ela se tornará mais clara para nós.

Há, parece-me, alturas ocultas na doutrina de Cristo traçadas pela sabedoria Suprema para contrariar correspondentes profundezas no Mistério das Trevas.

Eu não penso que é necessário, ou mesmo possível a nós escalarmos essas alturas ou penetrarmos nessas profundezas, com a nossa atual inteligência infantil, mas se nós compreendermos o quão completamente a lei de nosso ser recebe sua plenitude em Cristo (dentro do quanto conhecemos a lei), não poderemos também conceber que há mesmo fases mais profundas daquela lei de existência das quais poderemos apenas debilmente desconfiar por intuição?

Ocasionalmente somente a orla do véu é suspendida para alguns de nós, mas aquele vislumbre momentâneo é suficiente para nos mostrar que existem poderes e mistérios além de nossa presente concepção.

Mas mesmo lá a Lei reina suprema, e daqui por diante tomando Cristo como nossa base e ponto de partida, nós começamos com a Lei já completada, seja naquelas coisas que nos são familiares ou naqueles campos que estão além de nosso pensamento, e assim não precisamos ter qualquer medo do mal.

Nosso ponto de partida é aquele de uma divinamente ordenada segurança do qual nós poderemos serenamente crescer para mais altas evoluções, que é o cumprimento da lei de nosso próprio ser.

A HISTÓRIA DO EDEN

A Bíblia inteira e toda a história do mundo, passado, presente e futuro, estão contidas rudimentarmente na estória do Éden, porque elas não são nada mais do que o contínuo desdobramento de certos grandes princípios os quais estão lá alegoricamente declarados.

Que isso é sem dúvida uma nova noção está mostrado pela seguinte citação da Origem: - “Quem é assim tão tolo e sem noção que acredita que Deus plantou árvores no Jardim do Éden como um esposo; e plantou lá a árvore da vida perceptível aos olhos e aos sentidos, que traria vida a quem a comesse; e outra árvore a qual traria a quem a comesse o conhecimento do bem e do mal? Eu acredito que todos devem considerar essas coisas como figuras onde um profundo sentido está oculto.”

Deixe-nos, então, seguir a sugestão desse velho Pai da Igreja, e indagar o que seria o “profundo sentido” oculto sob esta figura das duas árvores.

Na aparência desta estória há duas raízes, uma de Vida e a outra de Morte, dois princípios fundamentais conduzindo a resultados diametralmente opostos.

A marca que distingue o último é que é o conhecimento do bem e do mal, o que significa dizer, o reconhecimento de dois princípios antagônicos, e isso requerendo o conhecimento das relações entre eles para habilitar-nos a continuamente fazer os necessários ajustes para manter-nos seguindo em frente.

Agora em aparência isso é excessivamente especial.

Parece tão inteiramente razoável que nós não vemos sua elementar destrutividade; e assim fomos informados que Eva comeu a fruta porque ela “viu que a árvore era agradável aos olhos.”

Mas uma cuidadosa consideração nos mostrará no que a natureza destrutiva deste princípio consiste.

Ela é baseada na falácia de que o bem é limitado pelo mal, e de que você não pode receber qualquer bem exceto através da eliminação do correspondente mal pela compreensão dele e lançando-o para trás.

Por esta visão, a vida torna-se um contínuo combate contra todas as imagináveis formas do mal, e depois de havermos torturado nossos miolos para imaginar precauções contra todos os possíveis acontecimentos malignos, ainda permanece a chance, e muito mais de que simplesmente chance, de que embora tenhamos esgotado de todo jeito uma categoria de possibilidades negativas, que outras irão surgir as quais, não importa quanta perspicácia de nossa parte pudesse tê-las imaginado.

Quanto mais nos vemos dentro desta posição, mais intolerável ela se torna, porque deste ponto de vista nós jamais poderemos atingir qualquer base real de ação, e as forças do possível mal se multiplicam quando nós as contemplamos.

Esforçar-se para exceder em astúcia todo o mal através de nosso conhecimento de sua natureza (diga-se, através da força de nossa própria astúcia) é empreender uma tarefa que desanima.

O erro está em supor que a Vida pode ser gerada em nós mesmos através de um processo intelectual; mas, como temos visto nos estudos precedentes, Vida é o movimento primário do Espírito, tanto nos cosmos como no indivíduo.

Na própria ordenação das coisas conhecimento intelectual é excedentemente importante e útil, mas seu lugar na ordenação do todo não é o do Originador.

Conhecimento não é a Vida em si, mas sim uma função da vida; é um efeito, e não a causa.

A razão porque isso é assim é porque o estudo intelectual sempre será o estudo das várias leis que surgem das diferentes RELAÇÕES das coisas, umas com as outras; e isso por conseguinte pressupõe que essas coisas junto com suas leis estão sempre em existência.

Conseqüentemente, conhecimento não começa do ponto de partida criativo verdadeiramente, aquele da criação de algo inteiramente novo,

criação *ex-nihilo*, distinta da CONSTRUÇÃO, ou da junção de materiais existentes, que é o que essa palavra realmente significa.

Reconhecer o mal como uma força a ser considerada é dessa forma abandonar inteiramente o ponto de partida criativo.

É renunciar ao plano da Causa primeira e descer ao reino das causalidades secundárias, e perder-nos em meio à confusão da multiplicidade de causas e feitos relativos, sem compreender qualquer princípio unificador por trás deles.

Agora a única coisa que pode libertar-nos da inextrincável confusão de uma infinita multiplicidade é a compreensão de uma subjacente unidade, e que por trás de todas as coisas nós encontramos a presença de um princípio de Grande Afirmação sem o qual nada poderia ter existência.

Esse, então, é a Raiz da Vida; e se nós damos crédito a ele como sendo hábil, não somente para suprir o poder, mas também como sendo a forma para sua manifestação, devemos ver que não precisamos ir além deste ÚNICO Poder para a produção de qualquer coisa.

É o Espírito produzindo Substância a partir de sua própria essência, e a Substância tomando Forma em concordância com o movimento do Espírito.

O que temos que compreender é não somente que esse é o caminho pelo qual o cosmos foi trazido á existência, mas também que, porque o Espírito acha um novo centro (ponto de irradiação) em si mesmo, o mesmo processo é repetido em nossa própria mentalidade, e por isso nós estamos continuamente criando *ex-nihilo* quer saibamos disso ou não.

Conseqüentemente, se olhamos para o mal como uma força a se crer nela, e que por isso requerente de ser estudado, nós estamos como efeito criando-o; enquanto que por outro lado se nós compreendemos que há somente UMA força a ser considerada, e é o Bem, estamos, pela lei do processo criativo trazendo aquele bem à manifestação.

Sem dúvida para esse uso afirmativo de nosso poder criativo é necessário que nós comecemos da concepção básica de um ÚNICO

poder originador, o qual é absolutamente bom e mantenedor da vida; mas se há um poder auto-originador o qual seria destrutivo, então nenhuma criação sequer pode vir à existência, porque os poderes positivo e negativo poderiam cancelar um ao outro e o resultado seria zero.

O fato, por isso, de nossa própria existência é a prova suficiente da unicidade da bondade do Poder Originador, e desse ponto de partida não há nenhum segundo poder a ser levado em consideração, e conseqüentemente nós não temos que estudar o mal que pode surgir de circunstâncias já existentes ou futuras, mas o que se requere é mantenhamos nossas mentes fixas somente sobre o bem que nós tencionamos criar.

Há uma razão muito simples para isso.

E ela é que toda nova criação necessariamente carrega sua própria lei consigo, e por essa lei produz novas condições para si mesma.

Um balão garante uma familiar ilustração do que quero dizer.

O balão, com sua carga, pesa várias centenas de quilos, até que a introdução de um novo fator, o gás, traz com ele a sua própria lei, a qual inteiramente altera as condições, e a força da gravidade é assim completamente suplantada, e a massa toda sobe ao ar.

A Lei propriamente dita nunca é alterada, mas nós a tínhamos conhecido previamente sob condições limitantes.

Essas condições, todavia, não são parte da Lei, e uma perspicaz compreensão da Lei mostra-nos que ela contém em si mesma o poder de transcendê-las.

A lei que toda nova criação carrega consigo é dessa forma não uma contradição da velha lei, mas sua especialização em um mais alto modo de ação.

Agora a Lei mais última é aquela da produção *ex-nihilo* pelo movimento do Espírito dentro de si mesmo, e todas as leis subordinadas são meramente as medidas das relações aquelas que espontaneamente surgem entre diferentes coisas, quando elas são trazidas à manifestação, áridas portanto: se uma coisa inteiramente nova é criada ela deve

necessariamente estabelecer relações inteiramente novas e assim produzir novas leis.

Esta é a razão porque, se nós tomamos a ação de um puro imanifesto Espírito como nosso ponto de partida, nós podemos atrevidamente confiar nela para produzir manifestações de lei as quais, conquanto perfeitamente novas do ponto de partida de nossa experiência passada, são tão naturais de suas próprias formas quanto quaisquer outras tenham sido antes.

É nessa conta que eu coloquei tanta força no fato de que o Espírito cria *ex-nihilo*, ou seja, fora de quaisquer formas pré-existentes, mas somente através de seu próprio movimento dentro de si mesmo.

Se, então, esta idéia é completamente apreendida, segue-se logicamente disso que a Raiz da Vida não deve ser encontrada na comparação de bem e mal, mas na simples afirmação do Espírito como o Todo-criador poder do Bem.

E desde que, como já tínhamos visto anteriormente, esse mesmo Espírito todo-criador encontra um central e revigorante ponto de partida de operação em nossas próprias mentes, nós podemos confiar nele para seguir a Lei que ele possui, por ela estar tanto nele como está de fato na própria criação do cosmos.

Somente não podemos esquecer que ele está trabalhando através de nossas próprias mentes.

Ele pensa através de nossa mente, e nossa mente deve transformar-se em um adequado canal para este modo de operação através entrar em conformidade com a vasta linha genérica do pensamento do Espírito.

A razão para isso é aquela a qual eu tenho sussurrado por todos esses estudos, qual seja, que a especialização de uma lei nunca é a sua negação, mas ao contrário, é o completo reconhecimento de seus princípios mais básicos, e se esse é o princípio na ciência física ordinária, ela deve ser igual quando então chegamos para especializar a própria grande Lei da Vida.

O espírito não pode jamais mudar sua essência natural, que é a essência da Vida, do Amor, e da Formosura e, se adotamos (conscientemente) essas características, as quais constituem a Lei do Espírito, como a base de nosso próprio pensamento, e rejeitamos tudo o que seja contrário a elas, então nós garantimos as amplas condições gerais para o pensamento especializado do Espírito, através de nossas próprias mentes: e o pensamento do Espírito é aquela INVOLUÇÃO, ou a passagem do espírito para forma, o que é a completa existência do processo criativo.

A mente que está todo o tempo sendo formada dessa forma é a nossa própria.

Não é um caso de controle através de uma individualidade exterior, mas sim a completa expressão do Universal através de uma mentalidade organizada a qual será (em princípio) uma menos perfeita expressão do Universal; e por conseguinte, trata-se de um processo de crescimento.

Não estamos perdendo nossa individualidade, mas estamos chegando a uma completa posse de nós mesmos através do reconhecimento consciente de nossa quota pessoal no grande trabalho de criação.

Nós começamos em alguma pequenina medida a compreender o que a Bíblia quer dizer quando ela refere-se à nossa existência como “participantes da natureza Divina” (II Pe 1:4), e compreendemos o significado da “unidade do Espírito” (Ef. 4:3).

Sem dúvida isso implicará em mudanças em nosso velho modo de pensar; mas estas mudanças não são impostas a nós, elas surgem naturalmente pelo novo ponto a partir do qual nós agora enxergamos as coisas.

Quase imperceptivelmente a nós, crescemos em uma Nova Ordem de Pensamento a qual procede, não de um conhecimento do bem e do mal, mas do próprio Princípio da Vida.

É isso que faz a diferença entre nosso velho pensamento e nosso novo pensamento.

Nosso velho pensamento era baseado em uma comparação de fatos limitados: nosso novo pensamento é baseado em uma compreensão de princípios.

A diferença é como aquela entre a matemática de criancinhas, que não podem contar o número de maçãs ou bolinhas de gude sem colocá-las diante de si, e aquela do experiente cientista que não é dependente de objetos visíveis para fazer seus cálculos, mas lança-se intrepidamente no desconhecido, pois ele sabe que está trabalhando dentro de indubitáveis princípios.

Dessa forma, quando compreendemos o infalível Princípio da lei Criativa, nós não mais achamos que precisamos ver tudo destrinchado e dissecado de antemão, por que se for assim, jamais poderíamos ir além dos limites de nossas velhas experiências; mas nós podemos seguir adiante de forma segura porque conhecemos a exatidão do princípio criativo através do qual estamos trabalhando, ou melhor, que está trabalhando através de nós, e que nossa vida, em todos os seus diminutos detalhes, e a sua harmoniosa expressão.

Dessa forma, o Espírito pensa através de nosso próprio pensamento, apenas seu pensamento é maior que o nosso.

Esse é o paradoxo do menor detendo o maior.

Nosso pensamento não será sem objetivo ou ininteligível para nós. Ele nos será completamente claro até onde ele chegar.

Nós devemos saber exatamente o que queremos fazer e porque queremos fazer aquilo, e assim ele vai agir de uma maneira razoável e inteligente.

Mas o que não conhecemos é o grande pensamento que está todo o tempo fazendo surgir nossos pensamentos de ordem menor que eles, nem os outros que se abrirão deles conforme nossos menores pensamentos progridam para a forma.

Então nós gradualmente vemos o grande pensamento, o qual incita nosso pensamento, e encontramos a nós mesmos trabalhando pelas suas linhas, guiados pela mão invisível do Espírito Criativo em continuamente crescentes graus de sustentabilidade aos quais não

precisamos imputar qualquer limite, por que eles são a expansão do Infinito dentro de nós.

Esse, como parece a mim, é o significado oculto das duas árvores no Éden, o Jardim da Alma.

Essa é a distinção entre o conhecimento que seja meramente aquele da comparação entre diferentes sortes de condições, e um conhecimento que é aquele da Vida que faz surgir crescimento e com isso controla condições.

Somente devemos lembrar que o controle de condições não deve ser alcançado através de alguma auto-afirmação violenta, o que seria apenas reconhecer nelas como entidades substantivas às quais devemos empreender batalhas, mas através da consciente unidade com o Todo-criativo espírito, o qual trabalha silenciosamente, mas com exatidão e certeza, pelos seus próprios contornos de Vida, Amor e Formosura.

“Nem por força, nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

A ADORAÇÃO DE ISHI

Em Oseías 2:16, nós encontramos esta marcante declaração: “ E será naquele dia, diz o Senhor, que tu Me chamará Ishi (Espôso), e não mais de chamará Meu Baal”, e através dela podemos juntar a declaração em Isaias 62:4: “Mas chamar-te-ão Hephzibah (Minha Delícia), e à tua terra Beulah (Desposada), por que o Senhor se delicia em ti, e a tua terra se desposará.”

Em ambas essas passagens nós encontramos uma troca de momentos, e uma vez que um nome representa uma coisa que corresponde a ele, na verdade lhe suscitando uma pequena descrição, o fato indicado nestes textos é uma mudança de condição respondendo à mudança do nome.

Agora a mudança de “Baali” para “Ishi” indica uma importante alteração nas relações entre o Ser Divino e o adorador; mas uma vez que o Ser Divino não pode mudar, a relação alterada deve resultar de uma mudança da posição do adorador: e isso somente pode vir de um novo modo de contemplar ao Divino, ou seja, de uma nova ordem de pensamento em relação a ele.

Baali significa Senhor, e Ishi significa Espôso, e assim a mudança da relação é como aquela da escrava fêmea que é libertada e casa-se com seu anteriormente senhor.

Não poderíamos ter uma analogia mais perfeita.

Relativamente ao Espírito Universal, a alma individual é esotericamente feminina, como eu indiquei em meus livros “Bible Mistery and Bible Meaning”, porque sua função é de caráter receptivo e formativo.

Isso é algo necessariamente inerente ao processo criativo.

Mas o desenvolvimento individual como o meio especializante do Espírito Universal depende inteiramente da sua própria concepção de sua afinidade com ele.

Enquanto ele o considere somente como um poder arbitrário, um tipo de possuidor de escravos, achar-se-á a si mesmo um escravo dirigido por uma força inescrutável, sem saber por que e para qual propósito.

Ele poderá adorar dessa forma um Deus, mas sua adoração será somente de medo e ignorância, e não terá outro interesse pessoal na questão exceto escapar de alguma temerosa punição.

Tal adorador de bom grado escaparia de seu deus, e sua adoração, quando analisada, poderá ser identificada como sendo pouco diferente de raiva disfarçada.

Este é o resultado natural de uma adoração baseada sobre tradições INEXPLICADAS ao invés de em princípios inteligentes, e é exatamente o oposto daquela adoração em Espírito e verdade que Jesus fala como sendo a verdadeira adoração.

Mas quando a luz começa a irromper sobre nós, tudo isso torna-se mudado.

Nós vemos que um sistema de terrorismo não pode dar expressão ao Espírito Divino, e compreendemos a verdade das palavras de São Paulo, “Ele não nos tem dado espírito de medo, mas de poder, e de amor, e de mente sadia.”

Conforme a verdadeira natureza da relação entre a mente individual e a Mente Universal torna-se mais clara, percebemos que trata-se de um tipo de ação e reação mútua, uma reciprocidade perfeita que não poderia ser melhor simbolizada que a relação entre um afeiçoado esposo e sua mulher.

Tudo é feito através do amor e nada por obrigação ou coação, há uma perfeita confiança em ambos os lados, e ambos são igualmente indispensáveis um ao outro. É somente a constatação da máxima fundamental de que o Universal não pode agir no plano do Particular, exceto através do Particular, somente que este axioma filosófico se desenvolve em meio a um caloroso intercurso de vida.

Esta é a nova posição da alma que é indicada pelo nome “Hephzibah” (Minha Delícia).

Em comum com todas as outras palavras derivadas da raiz semítica “hafz”, isso implica a idéia de guardiã, exatamente como no Oriente um hasfiz é alguém que guarda a carta do Alcorão conservando o livro inteiro no coração, e em muitas expressões similares.

Hephzibah pode assim ser traduzido como “alguém guardado”, dessa forma invocando a descrição do Novo Testamento daqueles que estão “guardados na salvação.”

É precisamente essa concepção de ser guardado por um poder superior que distingue o adorador de Ishi daquele de Baali.

Uma relação especial foi estabelecida entre o Espírito Divino e a alma individual, uma de absoluta confiança e intercurso todo pessoal.

Isso não requer qualquer abandono da lei geral do universo, mas deve-se àquela especialização da lei através da apresentação de condições pessoais especiais ao indivíduo, das quais eu tinha falado antes.

Mas em todo o tempo não houve qualquer mudança no Espírito Universal: a única mudança tem ocorrido na atitude mental do indivíduo – ele tem se aproximado de um novo pensamento, uma percepção mais clara de Deus.

Ele fez face às questões: O que é Deus?, Onde está Deus?, Como Deus trabalha?, e ele encontrou a resposta na declaração apostólica, a qual diz que Deus é “sobre tudo, através de tudo, e em tudo,” e ele compreendeu que Deus é a raiz de seu próprio ser, sempre presente EM si, sempre trabalhando ATRAVÉS dele, e universalmente presente em torno dele.

Essa compreensão da verdadeira relação entre o Espírito Originador e a mente individual é o que é esotericamente chamado como o Casamento Místico no qual os dois cessaram de estar separados e tornaram-se um.

Na verdade eles sempre foram um, mas desde que nós podemos perceber coisas somente a partir do ponto de vista de nossa consciência, é o nosso reconhecimento do fato que faz dele uma realidade prática para nós.

Mas um reconhecimento inteligente nunca fará confusão das duas partes das quais o todo consiste, e nunca levará o indivíduo a supor que ele está manejando um força cega ou que uma força cega o está manejando.

Ele não vai despojar Deus de sua dignidade, nem perder-se pelo enlevamento de deidade, antes vai reconhecer a reciprocidade do Divino e do humano como a natural e lógica conseqüência das condições essenciais do processo criativo.

E qual é o Todo que é então criado?

É a nossa PERSONALIDADE consciente; e com isso a partir daí, o que quer que obtivermos do Espírito Universal adquire em nós a qualidade de personalidade.

É desse processo de diferenciação do universal no particular que eu tenho repetidamente falado, o qual, através de uma rude analogia, podemos comparar à diferenciação do fluído elétrico universal em específicos tipos de força pela sua passagem por aparatos adequados.

É por essa razão que relativamente a nós o Espírito Universal deve necessariamente assumir um aspecto pessoal, e que o aspecto que ele irá assumir será em exata correspondência com a nossa própria concepção dele.

Isso está de acordo com leis mentais e espirituais inerentes em nosso próprio ser, e é nessa conta que a Bíblia procura por construir nossa concepção de Deus nesta linha, para nos libertar de todo medo do mal, com isso deixando-nos em liberdade para usar o poder criativo de nosso pensamento afirmativamente, a partir de uma mente calma e aquietada mente.

Esta condição somente pode ser atingida pela passagem através da extensão dos acontecimentos de momento, e isso só pode ser feito pela descoberta de nossa relação imediata com a incontroversa fonte de todo o bem.

Eu coloco ênfase nessas palavras, “Imediata” e “incontroversa” porque nelas está contido o segredo de toda a condição.

Se nós não podemos “tirar” imediatamente do Espírito Universal, nosso recebimento deverá estar sujeito às limitações do canal através do qual elas nos alcançaram; e se a força a qual nós recebemos não for incontroversa em si mesmo, poderá não tomar a forma apropriada em nossas próprias mentes, tornando-se neste caso, para cada um de nós, exatamente aquilo que nós requeremos que ela fosse.

É esse poder da alma humana de diferenciar-se tão ilimitadamente do infinito que nós estamos aptos para dominar, mas quando chegamos a compreender que a alma é, ela mesma, um reflexo e imagem do Espírito Infinito – e um claro reconhecimento do processo criativo cósmico mostra que não poderia ser diferente – chegamos à conclusão de que ela deve possuir esse poder, e que de fato é a nossa posse deste poder que é a principal razão de agir do processo criativo: se a alma humana não possui um ilimitado poder de diferenciação do infinito, então o infinito não poderia ser refletido nela, e conseqüentemente o Espírito Infinito não encontraria qualquer passagem para seu reconhecimento CONSCIENTE de si mesmo como Vida, Amor, e Formosura que é.

Nunca poderemos ponderar profundamente o suficiente a velha definição esotérica de Espírito como “o poder que conhece a si mesmo”: o segredo de todas as coisas, passado, presente, e futuro está contido nestas poucas palavras.

O auto-reconhecimento ou auto-contemplação do Espírito é o movimento primário do qual toda criação procede, e a obtenção no indivíduo de um novo centro para alto-reconhecimento é o que Espírito GANHA no processo – esse GANHO crescente ao Espírito é o que está referido nas parábolas onde o senhor é representado como recebendo crescimento (de suas posses)de seus servos.

Quando o indivíduo percebe essa relação entre si e o Espírito Infinito, ele descobre que tem sido tirado de uma posição de escravidão para uma de reciprocidade.

O Espírito não pode fazer sem ele nada mais do que ele pode fazer sem o Espírito: os dois são necessários um ao outro como os dois pólos de uma bateria elétrica.

O Espírito é a essência ilimitada de Amor, Sabedoria, e Poder, todos os três em um, sem separação, e esperando para serem diferenciados por APROPRIAÇÃO, ou seja, pelo indivíduo reivindicando para ser o canal de sua diferenciação.

Ele só requer a reivindicação ser feita com o reconhecimento de que com a Lei do Ser ela é obrigada a ser respondida, e o sentimento correto, a correta visão, e o correto trabalho, para que o assunto particular que temos nas mãos flua em completa naturalidade.

Nossos velhos inimigos, dúvida e medo, poderão procurar nos trazer de volta em servidão a Baali, mas nosso novo estágio para reconhecimento do Todo-Originador Espírito como sendo absolutamente unificado conosco deve sempre ser mantido em mente; porque, menos que isso, nós não estamos trabalhando no nível criativo – nós estamos criando, de fato, porque não poderemos nos despir jamais de nosso poder criativo, mas estamos criando na imagem das velhas condições limitadas e destrutivas, é isso é meramente perpetuar a Lei Cósmica das Médias, que é justo o que o indivíduo tem que superar.

O nível criativo é onde novas leis começam a manifestar-se em uma nova ordem de condições, algo transcendendo nossas experiências passadas e com isso trazendo um avanço real; porque não há qualquer avanço em seguir sempre na mesma velha rota, mesmo que se nos mantivermos nela por séculos: é a firme natureza de seguir em frente do Espírito que tem feito o mundo em que vivemos hoje um progresso sobre o mundo dos pterodáctilos e dos ictiossauros, e devemos procurar pelo movimento para a frente que este Espírito tem, deste seu novo ponto de partida em nós mesmos.

Agora é essa especial, pessoal e individual relação do Espírito para conosco que está tipificada com os nomes de Ishi e Hephzibah.

Após este ponto de partida nós podemos dizer que, assim como o indivíduo desperta para a unidade com o Espírito, o Espírito desperta para a mesma coisa.

O processo se torna estabelecido em si mesmo através da conscientização do indivíduo,e assim está resolvido o paradoxo do alto-reconhecimento individual pelo Espírito Universal, sem o que nenhum

novo poder criativo poderia ser exercido e todas as coisas continuariam a proceder na meramente velha ordem cósmica.

É verdade, claro, que na meramente genérica ordem o Espírito deve estar presente em toda forma de Vida, como o Mestre sinalizou quando disse que nem um pardal cai ao chão sem “o Pai.”

Mas como os pardais aos quais ele aludiu tinham sido abatidos e estavam à venda a certo preço o que mostra que essa era a sorte de boa parte deles, nós vemos aqui precisamente aquele estágio de manifestação onde o Espírito não despertou para o auto-reconhecimento individual, e permanece mesmo no mais baixo nível de auto-reconhecimento, aquele do tipo genérico ou espírito estreito.

O comentário do Mestre, “Você valem mais que muitos pardais” aponta esta diferença: em nós a criação genérica encontrou o nível que suporta as condições para o despertamento do Espírito para auto-reconhecimento no indivíduo.

E nós devemos ter em mente que tudo isso é perfeitamente natural. Não há qualquer embaraço ou efeito de restrição posterior nisso.

Se é VOCÊ que tem que elevar sua vida, quem se apresentaria para colocar Vida em você para que você a eleve? Isso é espontâneo, ou nada.

Eis porque a Bíblia fala sobre (este processo de crescimento em Deus) como uma dádiva de Deus. Não poderia ser outra coisa. Você não pode produzir a força original; ela deve produzir você: mas o que você pode fazer é distribuí-la.

Assim tão imediatamente você experimente qualquer tipo de atrito ou conflito, esteja certo que há algo errado em algum lugar; e uma vez que Deus nunca pode mudar, você pode estar certo que o conflito está sendo causada por algum erro em seu próprio pensamento – você está limitando o Espírito de alguma forma: ponha-se a trabalhar para descobrir o que é. É sempre LIMITAÇÃO do Espírito que produz isso.

É o que você está fazendo de alguma forma, dizendo que está restrito em razão de algumas condições.

O remédio é promover um retorno ao ponto de partida original da Criação Cósmica e indagar, Onde estão as formas pré-existentes que dirigiram o Espírito? Porque o Espírito nunca muda, ele é SEMPRE O MESMO, e é tão independente de condições existentes agora como era no princípio; e assim nós devemos passar por cima de todas as condições existentes, mesmo aparentemente adversas, e ir diretamente ao Espírito, pois ele é o Originador de novas formas e novas condições.

Este é autêntico Novo Pensamento, pois ele não se preocupa com as velhas condições, mas está avançando para a frente a partir de onde estamos agora.

Quando nós fazemos isso, somente confiando no Espírito, e não ficando apegados aos detalhes particulares desta ação – somente dizendo a Ele o que queremos sem dizer-lhe COMO nós o iremos obter – nós deveremos perceber que as coisas vão se abrir mais e mais claramente dia após dia, tanto no plano interior como no exterior.

Lembre-se que o Espírito está vivo e trabalhando aqui e agora, porque o Espírito está sempre vindo do passado, está sempre indo para o futuro, está sempre passando pelo presente; dessa forma o que você deve fazer é adquirir o hábito de viver do Espírito, no aqui e agora.

Cedo você vai descobrir que isso é uma conseqüência de intercurso pessoal, perfeitamente natural e não requerentes de quaisquer condições anormais para sua produção. Você apenas trata o Espírito como faria com qualquer outra pessoa sensível, lembrando-se que ele está sempre ali – “mais perto que as mãos e os pés,” como Tennyson diz – e você irá gradualmente começar a apreciar sua reciprocidade como um fato na verdade muito prático.

Essa é a relação de Hephzibah a Ishi, e é aquela adoração em Espírito e em verdade, que não necessita nem do templo em Jerusalém nem em Samaria para sua aceitação, porque todo o mundo é o templo do Espírito e você mesmo é o seu santuário.

Mantenha isso em mente, e lembre-se que nada é tão grande ou tão pequeno, tão interior ou tão exterior para o reconhecimento e operação do Espírito, porque o Espírito está ele mesmo tanto na Vida e na Substância de todas as coisas e ele é também o Auto-reconhecimento

do posto da sua própria individualidade; e por conseguinte, porque o Auto-reconhecimento do Espírito é a Vida do processo criativo, você irá, através de simplesmente confiar que o Espírito, trabalhando de acordo com a própria natureza dele, passar mais e mais completamente para aquela Nova Ordem a qual procede do pensamento dÊle, que diz, “Agora faço novas todas as coisas.”

O PASTOR E A PEDRA

A metáfora do Pastor e a Pedra é de ocorrência constante por toda a Bíblia e naturalmente sugere a idéia de direção, guardiã e sustento, tanto da ovelha individualmente e de todo o rebanho, e não é difícil ver a correspondência espiritual dessas coisas em uma espécie geral de acontecimentos.

Mas nós achamos que a Bíblia combina a metáfora do Pastor com uma outra metáfora de "a Pedra", e à primeira vista as duas parecem mais incongruentes.

"Donde é o Pastor e a Rocha de Israel," diz o Velho Testamento (Gen.49:24), e Jesus chama a si mesmo tanto de "O Bom Pastor" e de "A Pedra que os construtores rejeitaram."

O Pastor e a Pedra estão assim identificados e nós devemos então buscar a interpretação em alguma noção que combine as duas.

Um pastor sugere cuidado Pessoal pelo bem-estar da ovelha, e uma inteligência maior que a dela.

Uma pedra sugere a idéia de Construção, e consequentemente de medida, adaptação de partes ao todo, e progressiva construção de acordo com um plano.

Combinando essas duas concepções nós temos a idéia da construção de um edifício cujas pedras são pessoas, cada uma tomando suas maiores ou menores partes conscientes na construção – assim um edifício, não construído de fora, mas auto formando-se por um princípio de crescimento do interior, debaixo da direção de uma Suprema Sabedoria permeando o todo e conduzindo-a estágio por estágio para última completeza.

Isso aponta para uma Ordem Divina em assuntos humanos com a qual nós devemos mais ou menos conscientemente cooperar: tanto para nossa vantagem pessoal e também para ajuda ao grande esquema de evolução humana como um todo; o propósito final sendo estabelecer em TODOS os homens aquele princípio da "Oitava" ao qual eu já aludi; e na proporção em que algum esboço deste princípio é compreendido por

indivíduos e por grupos de indivíduos eles especializam a lei de desenvolvimento de linhagem, mesmo que eles devam não estar cientes do fato; e assim caminham sob um ESPECIALIZADO trabalho da Lei fundamental, que com isso os diferencia de outros indivíduos e nacionalidades, como por uma direção peculiar, produzindo mais altos desenvolvimentos que a meramente genérica operação da Lei não poderia.

Agora se nós mantivermos firmemente na mente que, ainda que o propósito, ou Lei de Tendência, ou o Espírito Originador deva sempre ser universal em sua natureza, ele deve necessariamente ser individual em sua operação, nós deveremos ver este que propósito universal somente pode ser consumado através da instrumentalidade de meios específicos.

Tal resulta da proposição fundamental de que o Universal somente pode trabalhar no plano do Particular tornando-se o individual e particular; e quando assimilamos o conceito de que a meramente genérica operação da Lei Criativa tem conduzido a espécie humana tanto quanto ela pode, o que é dizer que ela tem envolvido completamente o meramente natural GÊNERO, segue-se que se qualquer outro a mais tiver que ocorrer, isso somente se dará por uma cooperação com o próprio indivíduo.

Agora é à expansão desta cooperação individual que o movimento de avanço do Espírito está nos impelindo, e é a gradual extensão deste princípio universal que está aludido na profecia de Daniel relacionada à Pedra cortada sem o auxílio de mãos que se esparrama até que preencha toda a terra (Dan 2:34, 44).

De acordo com a interpretação dada por Daniel, esta Pedra é o emblema de um Reino espiritual, e a identidade da Pedra e do Pastor indica que o Reino da Pedra deve ser também o Reino do Pastor; e o Mestre, que identificou a si mesmo como ambos a Pedra e o Pastor, enfaticamente declarou que este reino era, em sua essência, um Reino interior – “O Reino dos Céus está dentro de vós.”

Devemos procurar por sua fundação, então, em um princípio espiritual ou lei mental inerente na constituição de todos os homens, mas aguardando para ser despertada em pleno desenvolvimento através de uma mais acurada aquiescência com seus requisitos; o que é precisamente o método através do qual a ciência tem evocado forças da

natureza as quais jamais foram sonhadas em tempos passados; e dessa maneira o reconhecimento de nossa verdadeira relação come Espírito Universal, que é a fonte de todo ser individual, deve conduzir a um avanço tanto para a espécie como para o indivíduo tal como podemos no presente toscamente formar a mais superficial idéia a respeito, mas a qual nós obscuramente apreendemos através da intuição, e nos referimos a ela como a Nova Ordem.

A aproximação desta Nova Ordem está em todo lugar, fazendo-se vagamente sentir; ela está, como os franceses dizem, no ar, e com sua indefinida e misteriosa assistência ela causando um sentimento de inquietação quanto à que forma ela deve assumir.

Mas para o estudante da Lei Espiritual não seria este o caso.

Ele sabe que a Forma é sempre uma expressão do Espírito,e por isso, uma vez que ele esteja em contato com o movimento de avanço do Espírito, ele sabe que ele mesmo sempre estará harmoniosamente incluído em toda forma de desenvolvimento que o Grande Movimento de Avanço possa tomar.

Esse é o benefício prático e pessoal surgindo da compreensão do Princípio o qual está simbolizado sob a metáfora de dupla visão do Pastor e da Pedra. E que em todos aqueles novos desenvolvimentos os quais podem estar talvez dentro de distâncias mensuráveis, podemos de fato descansar por saber que estamos sob os cuidados de um cuidadoso Pastor, e sob a formação de um sábio Mestre Construtor.

Mas o princípio do Pastor e da Pedra não é alguma coisa que até agora não se tinha ouvido falar, o qual deverá somente vir à existência no futuro. Se não houve quaisquer manifestações deste princípio no passado, nós devemos questionar se afinal havia qualquer tipo de princípio; mas um cuidadoso estudo do assunto nos mostrará que ele tem estado trabalhando por todas as eras, algumas vezes de modos mais proximamente conectados com o aspecto de Pastor, algumas vezes de modos mais proximamente conectados em o aspecto de Pedra, mesmo que um sempre implique o outro; porque eles são a mesma coisa, vistos de diferentes pontos de vista.

Este assunto é de imenso interesse, mas compreende uma tão vasta extensão de estudos que tudo o que eu posso fazer aqui é mostrar que tal campo existe e ele merece ser explorado; e a exploração traz sua recompensa, não somente nos colocando em posse da chave da história para o passado, mas mostrando-nos que ele também é a chave para a história do futuro, e além disso, tornando evidente em uma larga escala o trabalho do mesmo princípio da Lei Espiritual de cooperação com a qual nos poderemos facilitar o processo de nossa própria evolução individual.

Isso dessa forma adiciona um vívido interesse para a vida, dando-nos algo que vale a pena ir atrás e nos introduzindo a futuro pessoal não limitado como poderia ser pela vida ordinária.

Agora nós temos visto que o primeiro estágio no Processo Criativo é sempre o do Sentimento – uma colocação, pelo Espírito em uma direção particular – e a partir daqui poderemos procurar por algo do mesmo tipo no desenvolvimento do grande princípio o qual estamos agora considerando.

E nós encontramos este primeiro vago movimento deste grande princípio nas intuições de um povo em particular, que parece, desde um tempo imemorável, haver combinado as duas características de vagueações nômades com seus rebanhos e manadas e a simbolização de suas crenças religiosas em monumentos de pedras.

Os monumentos têm tomado diferentes formas em diferentes países e eras, mas a identidade de seu simbolismo torna-se clara depois de cuidadosas investigações.

Junto com este simbolismo nós sempre encontramos o caráter nômade de seus construtores e que ele está sempre investido de uma aura de mistério e romance de um tipo que não encontramos em qualquer outro lugar, conquanto sempre os achemos rodeando aqueles que os construíram, mesmo em países tão distantes e separados como a Índia e a Irlanda.

Então, quando passamos para além do meramente estágio de ser aquilo um marco, encontramos fios de evidencia histórica conectando os diferentes ramos desse povo, aumentando em sua complexidade e fortalecendo-se em sua força acumulada conforme nós avançamos, até

que no fim nós chegamos à história da era em que nós vivemos; e finalmente as mais marcantes afinidades de língua falada assenta o toque final à massa de provas que podem ser ajuntadas ao longo de todos esses diferentes caminhos.

Neste círculo mágico países tão remotos um do outro, como Irlanda e Grécia, Egito e Índia, Palestina e Pérsia, são colocados em contato próximo – uma tradição similar, e mesmo uma nomenclatura similar, une os misteriosos construtores da Grande Pirâmide com os igualmente misteriosos construtores das Torres da Irlanda – e a própria Grande Pirâmide, talvez antecipando o chamado de Abraão, reaparece como o Selo Oficial dos Estados Unidos; enquanto a tradição sinaliza à coroa de pedra na Abadia de Westminster uma volta ao tempo do templo de Salomão e mesmo mais remoto.

Porque a maior parte dos antes viajores estão agora estabelecidos em suas destinadas moradias, mas a raça Anglo-Saxônica – o povo da Pedra Angular - ainda são os pioneiros entre as nações, e há algo de esotérico na velha piada que diz que quando o Pólo Norte foi descoberto foi encontrado um escocês lá.

E não menos na cadeia de evidências está o elo proporcionado por uma tribo que ainda vaga por várias terras, os Ciganos com sua duplicata da Pirâmide em seu jogo de cartas – um volume que tem sido chamado “O Livro de Ilustrações do Diabo” por aqueles que os conhecem apenas em sua aplicação errada e invertida, mas que, quando interpretada na luz do conhecimento que agora estamos ganhando, fornece um sinal daquela política divina, através da qual São Paulo diz, “Deus emprega as coisas tolas deste mundo para refutar os sábios;” enquanto uma verdadeira compreensão dos próprios Ciganos indica sua inconfundível conexão com aquele povo que através de toda a sua peregrinação tem sempre sido o guardião da Pedra.

Nestes poucos parágrafos eu tenho somente sido hábil para mostrar muito brevemente as vastas linhas de indagação dentro de um assunto de nacional importância para os povos Ingleses e Americanos, e que nos interessa pessoalmente, não somente como membros dessas nações, como também fornecendo provas na mais larga escala da mesma

especialização das leis universais as quais cada um de nós tem que assegurar individualmente para nós mesmos.

Mas seja o processo individual ou nacional, ele é sempre o mesmo, e é a tradução para o mais alto plano – aquele da própria Vida Toda-originadora – da velha máxima “A Natureza irá nos obedecer exatamente na proporção em nós primeiramente obedecermos a Natureza”; esta é a velha parábola do senhor que, havendo encontrado seus servos cingidos e esperando por ele, então cingiu a si mesmo e os serviu (Luc 12:35 a 37).

A nação ou o indivíduo que assim compreenda o verdadeiro princípio do Pastor e Pedra, encontra-se sob uma especial direção Divina e proteção, não por um favoritismo incompatível com a concepção da Lei universal, mas pela própria operação da Lei.

Eles colocaram-se em contato com as suas mais altas possibilidades, e para recorrer a uma analogia que já tinha empregado antes, eles aprenderam a fazer aço flutuar exatamente pela mesma lei pela qual ele afunda; e assim eles tornaram-se o rebanho do Grande Pastor e a construção do Grande Arquiteto, e cada um, não importando quão insignificante sua orbe possa parecer, tornou-se um participante na grande obra, e por uma conseqüência lógica começou a crescer em novas linhas de desenvolvimento pela simples razão que um novo princípio necessariamente produz novos modos de manifestação.

Se o leitor for pensar sobre estas coisas ele verá que as promessas contidas na Bíblia, sejam as nacionais, sejam as pessoais, são nada menos que declarações da lei universal de Causa e Efeito aplicadas nos mais íntimos princípios de nosso ser, e que por isso não é mera rapsódia, mas sim a expressão figurativa de uma grande verdade quando o Salmista diz “O Senhor é meu Pastor,” e “Tú és meu Deus e a Rocha da minha salvação.”

A SALVAÇÃO É DOS JUDEUS

O que estes dizeres do Mestre significam?

Certamente não uma mera suposição arrogante em favor de Sua própria nacionalidade – tal idéia é desmentida, não apenas pela universalidade de todos os Seus outros ensinamentos, mas também pela verdadeira instrução que ocorre através dessas palavras, porque Ele declarou que o tempo Judeu estava igualmente com o Samaritano não importasse o motivo.

Ele disse que a verdadeira adoração era puramente espiritual e inteiramente independente de lugares e cerimônias, enquanto ao mesmo tempo ele enfatizou a expectativa Judia por um Messias: assim neste ensinamento somos confrontados com o paradoxo de um princípio universal combinado com o que à primeira vista parece com uma tradição tribal completamente incompatível com qualquer reconhecimento do reino universal da lei.

Como reconciliar estes aparentes opostos, assim, parece ser o problema que Ele aqui apresenta diante de nós.

A solução será encontrada naquele princípio o qual eu tenho me empenhado em elucidar através destes estudos, (que é) a especialização da lei universal.

Opiniões podem divergir, por exemplo no caso do nascimento de Cristo, se a narrativa Bíblica é para ser tomada literalmente ou simbolicamente, mas em relação ao princípio espiritual envolvido não pode, penso eu, haver qualquer de opinião. É da especialização pelo indivíduo da (inicial) relação genérica da alma com o Espírito Infinito pelo indivíduo da qual isso procede.

A relação em si é universal, e resulta da natureza do processo criativo, mas a lei da relação universal admite a especialização particular exatamente da mesma maneira como todas as outras leis naturais – é simplesmente aplicando à suprema Lei da Vida o mesmo método pelo qual nós aprendemos a fazer o aço flutuar, que é o mesmo que dizer, pelo pleno reconhecimento do que a Lei é em si mesma.

Seja qual for outro significado que possamos aplicar ao nome Messias, ele indubitavelmente mantém-se totalmente para a absolutamente perfeita manifestação naquele indivíduo de todas as infinitas possibilidades do Princípio da Vida.

É por causa deste grande ideal sobre o qual a nacionalidade Hebréia foi fundada que Jesus fez esta declaração.

Esta fundação tem sido lamentavelmente concebida erroneamente pelo povo Judeu; todavia, mesmo imperfeitamente, eles ainda mantêm-se ligados a ela, e deles este ideal tem se espalhado por todo o mundo Cristão.

Por aqui isso também continua a ser lamentavelmente concebido de forma errônea, não obstante esteja ainda conservado, e somente precisa ser reconhecido em sua verdadeira luz como um princípio universal, ao invés de como um ininteligível dogma, para tornar-se a salvação do mundo.

Portanto, como garantindo o meio através do qual esse supremo ideal tem sido preservado e espalhado, é verdade que "A Salvação é dos Judeus."

A idéia fundamental deles estará correta, mas sua compreensão dela estava errada – eis porque o Mestre ao mesmo tempo varre para longe a adoração nacional do templo e preserva a idéia do Messias; e isso é igualmente verdade a respeito do mundo Cristão nos dias de hoje.

SE salvação é alguma coisa real, ele deve ter sua causa em alguma lei, e se há uma lei, ela deve estar fundamentada sobre algum princípio universal: por isso, é esse princípio que devemos procurar se desejamos compreender o ensino do Mestre.

Agora quer tomemos a estória Bíblica do nascimento de Cristo literalmente ou simbolicamente, ela nos ensina uma grande lição. Ela ensina que o Espírito Todo-originador é verdadeiro gerador do individuo tanto na alma como no corpo.

Isso é nada mais que compreender, do ponto em que está o indivíduo, aquilo que não podemos compreender em relação à original criação do cosmos – é a compreensão de que o Espírito Todo-originador

é ao mesmo tempo a Vida e a Substância aqui e agora, exatamente como ele deve ter sido na origem de todas as coisas.

Linhagem humana não conta para nada – ela é somente o canal através do qual o Espírito Universal tem agido para a concentração em um centro individual; mas a causa última daquele centro, tanto em vida e em substância, continua a todo momento a ser o Único mesmo Espírito Originador.

Esse reconhecimento corta fora a raiz de toda a força do negativo, e assim em princípio nos livra de todo mal, porque a raiz do mal é negação do poder do Espírito para produzir o bem.

Quando compreendemos que o Espírito está procurando sua própria individualização em nós em sua dupla essência como Vida e Substância, então vemos que ele deve ser tanto hábil como desejoso de criar para nós todo o bem.

O único limite é aquele que nós mesmos impomos por impedir sua operação, e quando compreendemos a inerente criatividade do Espírito nós percebemos que não há qualquer razão porque nós deveríamos parar em qualquer ponto e dizer que a coisa não pode ir mais além.

Nosso erro está em olhar para a vida do corpo físico como separada da Vida do Espírito, e este erro é combatido pela consideração que, em sua mais elementar natureza, Substância deve emanar do Espírito e é nada mais que o registro da concepção do Espírito buscando expressão no espaço e no tempo.

E quando isso se torna claro segue-se que Substância não necessita ser tomada em avaliação afinal. A forma material permanece na mesma relação com o Espírito que a imagem projetada sobre uma tela permanece no slide no projetor.

Se nós desejamos mudar o objeto exibido, nós não manipulamos o reflexo na tela, mas alteramos o slide; e dessa forma, quando nós chegamos à compreensão da verdadeira natureza do processo criativo, nós aprendemos que as coisas exteriores devem ser mudadas por uma mudança na atitude espiritual interior.

Nossa atitude espiritual será sempre determinada pela nossa concepção de nossa relação com Deus ou Espírito Infinito; e assim quando começamos a ver que essa relação é de absoluta reciprocidade – que ela é o auto-reconhecimento do Espírito Infinito a partir de nosso próprio centro de consciência – então vemos que o completo Segredo da Vida consiste em simples confiança no Espírito Todo-criador como conscientemente identificando a si mesmo conosco.

Isto é, por assim dizer, o despertamento para um novo modo de um peculiar auto-reconhecimento para nós mesmos, no qual nós individualmente formamos o centro da energia criativa dEle.

Compreender isso é especializar o Princípio da Vida.

A lógica disso é simples.

Nós já compreendemos que o movimento originador do Espírito a partir do qual toda a criação procede somente pode ser de auto-comtemplação.

Então, uma vez que o Espírito Original não pode mudar sua natureza, sua auto-contemplação através de nossas mentes deve ser tão criativa em, para, e através de nós como ela sempre foi desde o início; e consequentemente nós encontramos o processo criativo original repetido em nós mesmos e dirigido pelo pensamento consciente através de nossas próprias mentes.

Em tudo isso não há lugar para a consideração de condições exteriores, seja de corpo ou de circunstâncias; porque elas são somente efeitos, e não a causa; portanto, quando nós atingimos este ponto de compreensão nós cessamos de ter aquele tipo de coisas em nossa conta.

Ao invés, nós empregamos o método da auto-contemplação sabendo que este é o método criativo, e assim contemplamos a nós mesmos como aliados ao Amor Infinito e Sabedoria do Espírito Divino que tomará forma através de nosso pensamento consciente, e assim agirá criativamente como uma Especial Providência inteiramente devotada a guardar, guiar, prover, e iluminar-nos.

A coisa toda é perfeitamente natural quando vista de um claro reconhecimento do que o trabalho criativo do Espírito deve ser em si

mesmo; e quando ele é compreendido em sua perfeitamente natural maneira toda força e esforço para compelir sua ação cessa – nós estamos em unidade com o Poder Todo-criador, o qual agora encontrou um novo centro em nós do qual continua seu trabalho criativo para mais perfeita manifestação do que poderia ter realizado através das condições genéricas não especializadas da ordem meramente cósmica.

Agora é por isso que o Messias existe, e por esta razão está escrito que "a eles Ele deu o poder de serem feitos filhos de Deus, mesmo aos que crêem em Seu Nome."

Essa "crença" é o reconhecimento de um princípio universal e uma pessoal confiança neste fato como uma lei que não pode ser quebrada; porque ela é a Lei de todo o processo criativo especializado em nossa própria individualidade.

Então, também, não importa quão grande seja o mistério, a remoção e purificação de todo o pecado segue como uma parte essencial desta compreensão da nova vida; e é neste sentido que devemos fazer a leitura de tudo o que a Bíblia nos revela sobre este aspecto do assunto.

O PRINCÍPIO disso tudo é Amor; porque quando estamos recompostos com o Espírito Gerador em mutua confiança e amor, que motivo haveria de qualquer parte para qualquer lembrança de nossas falhas passadas?

Isso então é o que o Messias garante ao indivíduo; mas se nós pudermos conceber uma nação baseada sobre tal reconhecimento dessa relação especial com o Poder Condutor do Universo, tal povo deve por necessidade tornar-se o líder das nações, e aqueles que se opuserem a isso deverão cair devido a um princípio auto-destrutivo inerente à própria natureza da posição que eles tomaram.

A liderança que resulte de tal tipo de auto-reconhecimento nacional, não estará baseada sobre conquista e constrangimento, mas virá naturalmente.

Outras nações irão inquirir as razões do fenomenal sucesso e prosperidade do povo favorecido, e encontrando esta razão em uma Lei universal, eles começarão a aplicar a mesma lei da mesma maneira, e

dessa forma os mesmos resultados irão se espalhar de país a país até que no fim toda a terra vai estar cheia da glória do Senhor.

E tal nação, e mesmo conjunto de nações, existe.

Traçar este presente desenvolvimento a partir de suas remotas origens é de longe muito além do escopo deste livro, e mais ainda especular sobre seu futuro crescimento; mas aos meus leitores de ambos os lados do Atlântico eu devo dizer que este povo é a raça Anglo-Saxônica por todo o mundo.

Eu escrevo estes versos sobre o histórico Monte de Tara; isso vai transmitir uma dica para muitos de meus leitores.

Em algum momento no futuro eu devo desenvolver mais sobre este assunto; mas por agora meu objetivo é meramente sugerir algumas linhas de pensamento originando-se dos dizeres do Mestre que “Salvação é dos Judeus.”

Fim

Traduzido por Wagner Woelke

Obras publicadas do Tradutor